

Empresários, potenciais empresários e produtores rurais no Brasil (2009 a 2014)

UGE/N
Núcleo de Estudos e Pesquisas

Sebrae
Brasília-DF
Agosto/2016



© 2016. **Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae**

Todos os direitos reservados

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610/1998).

Informações e contatos

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae

Unidade de Gestão Estratégica

SGAS 605 – Conjunto A – CEP: 70200-904 – Brasília/DF

Telefone: (61) 3348-7180

www.sebrae.com.br

Presidente do Conselho Deliberativo Nacional

Robson Braga de Andrade

Diretor-Presidente

Guilherme Afif Domingos

Diretora Técnica

Heloisa Regina Guimarães de Menezes

Diretor de Administração e Finanças

Vinicius Lages

Unidade de Gestão Estratégica

Gerente

Pio Cortizo

Gerente Adjunta

Elizis Maria de Faria

Equipe Técnica

Marco Aurélio Bedê (coordenação)

Karina Santos de Souza

Série Empreendedores Brasileiros

Anuário da Mulher

Anuário do Trabalho nas MPE

Os donos de negócio no Brasil

- Empresários, potenciais empresários e produtores rurais;
- Análise por faixa etária, sexo, raça/cor.

Pesquisa GEM

Unidade de Comunicação

Gerente

Fernando Bandeira

Gerente Adjunta

Joana Bona

Núcleo de Editoração

Revisão Ortográfica

Discovery – Formação Profissional Ltda. – ME

Diagramação

Sumário

Introdução

1 Definições básicas

2 Empresários, potenciais empresários e produtores rurais

2.1 Evolução 2009 a 2014

2.2 Tipos de ocupação

2.3 Posição no domicílio

2.4 Sexo

2.5 Escolaridade

2.6 Faixa etária

2.7 Rendimento médio mensal

2.8 Idade em que começou a trabalhar

2.9 Tempo no trabalho atual

2.10 Carga de trabalho semanal

2.11 Recursos de telefonia

2.12 Recursos de informática

2.13 Previdência Social

2.14 Local de trabalho

2.15 Setor de atividade

2.16 Principais segmentos de atividades

2.17 Distribuição por regiões e UF

3 Considerações finais

Referências

Introdução

Em 2012, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) deu início a uma nova série de estudos intitulada “Os donos de negócio no Brasil”. Esta série tem como objetivo identificar o perfil dos indivíduos que estão à frente de um negócio.

Este relatório tem como objetivo apresentar uma análise desse público, segmentado em três grandes categorias: empresários (donos de negócio com Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica – CNPJ), potenciais empresários (donos de negócio sem CNPJ) e produtores rurais.

Este é o quarto trabalho realizado com esse propósito. Especificamente neste estudo, são utilizadas como fontes de informações, principalmente, os dados disponíveis nas Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (Pnad) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), dos anos 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014. Trata-se de todas as Pnad que disponibilizam dados sobre indivíduos que estão à frente de um negócio com CNPJ. Deve-se observar que, após 2014, a Pnad parou de levantar a informação sobre se o negócio possui CNPJ. Portanto, possivelmente, este deve ser o último relatório a ser feito com essas categorias de empreendedores.

No primeiro capítulo deste relatório, são apresentadas algumas definições básicas utilizadas no trabalho. Ali, são expostas as definições de público-alvo do Sebrae (e categorias de tipos de cliente da instituição), e das categorias de ocupação do IBGE sobre os indivíduos que têm negócio próprio no país.

No capítulo 2, são apresentadas as informações disponibilizadas na Pnad sobre os donos de negócio, de acordo com as três categorias de clientes citadas. Para cada um desses segmentos, são analisadas diversas informações, tais como quantificação do universo, tipo de ocupação, posição no domicílio, sexo, escolaridade, faixa etária, rendimento médio mensal, idade em que começou a trabalhar, tempo no trabalho atual, carga de trabalho semanal, recursos de telefonia e informática, Previdência Social, local de trabalho, setor de atividade, principais segmentos de atividade e distribuição por regiões do país e por Unidade da Federação (UF).

O último capítulo é reservado às considerações finais.

1 Definições básicas

De acordo com o Sebrae (2016), o público-alvo desta instituição é composto por:

- Pequenos negócios empresariais: Microempreendedor Individual,¹ Microempresas,² Empresas de Pequeno Porte,³ artesãos⁴ e produtores rurais;⁵
- Potenciais empresários (com e sem negócio);⁶
- Potenciais empreendedores.⁷

Por sua vez, de acordo com a Pnad, os indivíduos que são donos de negócios podem ser identificados em duas das categorias de análise, no âmbito dos estudos sobre o mercado de trabalho, quais sejam:

- Conta-própria – pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento, sozinha ou com sócio, sem ter empregado e contando, ou não, com a ajuda de trabalhador não remunerado;

¹ “[...] é o empresário optante pelo Simples Nacional e enquadrado no Simei. Seguindo a Lei Complementar nº 128/2008, alterada pela Lei Complementar nº 139/2011, o MEI tem faturamento anual bruto de no máximo R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais); não tem participação em outra empresa como sócio ou titular; possui no máximo um único empregado que recebe um salário mínimo ou o piso salarial da categoria profissional” (SEBRAE, 2016, p. 10).

² “[...] empresas brasileiras que possuam natureza jurídica compatível com as atividades mercantis, não desempenhem primariamente atividades associativas ou de Administração Pública, possuam faturamento bruto anual de no máximo R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e não sejam Microempreendedores Individuais” (SEBRAE, 2016, p. 10).

³ “[...] empresas brasileiras que possuam natureza jurídica compatível com as atividades mercantis, não desempenhem primariamente atividades associativas ou de Administração Pública e possuam faturamento bruto anual maior que R\$ 360.000,00 (trezentos e sessenta mil reais) e menor ou igual a R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais), somadas às empresas exportadoras aderentes ao Simples Nacional com faturamento anual de até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) no exterior” (SEBRAE, 2016, p. 11).

⁴ “[...] é toda a pessoa física que esteja registrada no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro – Sicab, tenha a Carteira Nacional do Artesão ou Carteira Nacional de Trabalhador Manual, fature até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) por ano e esteja com a carteira válida no momento do atendimento” (SEBRAE, 2016, p. 11).

⁵ “[...] pessoas físicas que explorem atividades agropecuárias, realize majoritariamente a comercialização da sua produção *in natura* sem caracterizar-se como agroindústria, faturem até R\$ 3.600.000,00 (três milhões e seiscentos mil reais) por ano e possuam Inscrição Estadual (IE) de produtor ou Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP). Soma-se a esse grupo o dos pescadores com registro no Ministério da Pesca” (SEBRAE, 2016, p. 11).

⁶ “[...] pessoas físicas que possuem negócio próprio sem registro no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); DAP, Inscrição Estadual ou registro de pescador (no caso dos produtores rurais), Carteira Nacional de Artesão ou de Trabalhador Manual para os artesãos; e os indivíduos que ainda não possuem negócio próprio, mas que estão efetivamente envolvidos na sua estruturação” (SEBRAE, 2016, p. 11).

⁷ “[...] pessoas físicas que ainda não possuem um negócio e nem estão efetivamente envolvidos na estruturação de um negócio, e nos quais o Sebrae pode contribuir para despertar seu espírito empreendedor e desenvolver capacidades empreendedoras” (SEBRAE, 2016, p. 11).

- Empregador – pessoa que trabalha explorando o seu próprio empreendimento com, pelo menos, um empregado assalariado.

Considerando que 99% dos empreendimentos brasileiros são de micro e pequeno porte (SEBRAE; DIEESE, 2014), a soma dos empregadores e dos conta-própria da Pnad pode ser avaliada como uma boa representação do conjunto de indivíduos que são donos de negócios no país (com ou sem registro formal).

Dado que a Pnad, desde 2009, permite identificar se os negócios dos empregadores e dos conta-Própria possuem CNPJ, assim como os setores em que atuam, é possível analisar esse conjunto de donos de negócios existentes no país a partir de três categorias (que serão aquelas adotadas neste trabalho):

- Empresários – donos de negócios com CNPJ;
- Produtores rurais – com ou sem CNPJ;
- Potenciais empresários com negócios – donos de negócios sem CNPJ.

A opção por tratar os produtores rurais em categoria isolada deve-se ao fato de que o exercício desta atividade não exige efetivamente o registro do CNPJ. Além disso, estes guardam maior homogeneidade entre si, do que em relação aos demais grupos.

Observe-se que essa classificação equivale às três primeiras categorias que fazem parte do público-alvo do Sebrae. Portanto, trata-se de uma boa *proxy* deste público, exceto os potenciais empreendedores e os potenciais empresários sem negócio.

No próximo capítulo, será apresentado o perfil comparativo dos empresários, dos potenciais empresários com negócio e dos produtores rurais, com base nas informações disponíveis nas Pnad de 2009 a 2014 (exceto 2010, que foi um ano de realização de Censo), que são todos os anos para os quais existem informações completas para esses três tipos de segmentos de clientes.

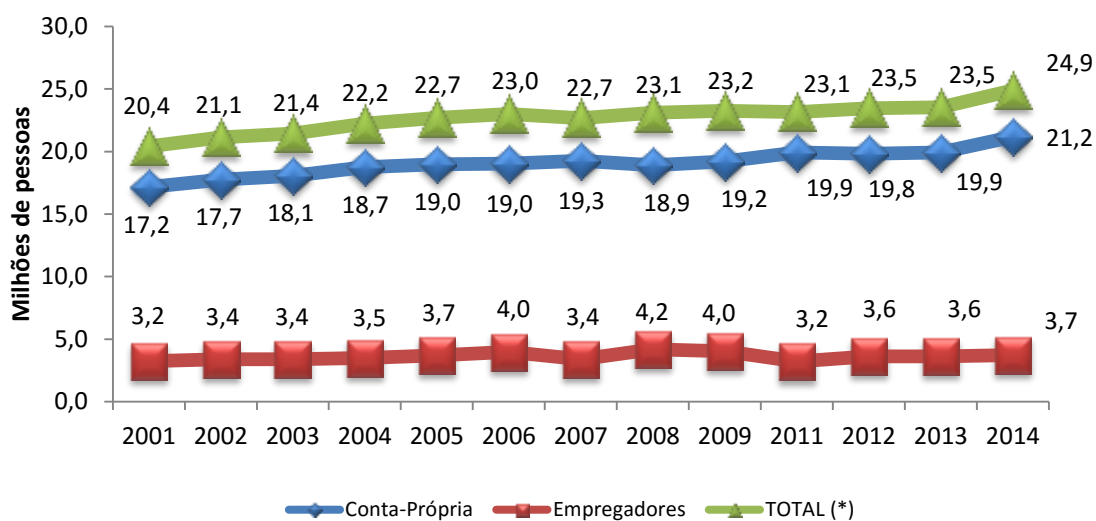
2 Empresários, potenciais empresários e produtores rurais

2.1 Evolução 2009 a 2014

De acordo com o IBGE, entre 2001 e 2014, o número de donos de negócios no país cresceu 22%, passando de 20,4 milhões para 24,9 milhões de pessoas (gráfico 1). Esse contingente de indivíduos que está à frente do próprio negócio pode ser dividido em dois grupos: os empregadores (com empregados) e os conta-própria (sem empregados).

No mesmo período, o número de empregadores apresentou expansão de 15%, passando de 3,2 milhões para 3,7 milhões. Por sua vez, os conta-própria passaram de 17,2 milhões para 21,2 milhões de pessoas, uma expansão acumulada de 23%.

Gráfico 1 – Número de donos de negócio no Brasil (em milhões de pessoas)



Fonte: IBGE (Pnad 2001 a 2014, exceto 2010).

Obs.: Total = empregadores + conta-própria.

Quando levamos em consideração as três categorias de clientes do Sebrae, os 24,9 milhões de indivíduos donos de negócios podem ser divididos em: 13,7 milhões de potenciais empresários com negócios (55%); 6,7 milhões de empresários (27%); e 4,5 milhões de produtores rurais (18%), conforme demonstrado nos gráficos 2 e 3.

Observe-se que o segmento com maior taxa de expansão (29%), entre 2009 e 2014, foi o dos empresários, seguido pelos potenciais empresários (2%). A principal razão que explica a forte expansão dos empresários foi a criação do Microempreendedor Individual.⁸

No caso dos produtores rurais, houve uma queda (-2%). Em parte, esta queda do número total de produtores rurais está associada ao movimento histórico de êxodo rural (a busca por melhores condições de vida nas cidades), presente no país há mais de meio século (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1999; ALVES; SILVA; SOUZA, 2011). Em parte, isto se deve à modernização do campo. Por exemplo, segundo estudo do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea),⁹ a redução da população rural nos últimos anos está associada às inovações tecnológicas ocorridas nos sistemas de produção, na introdução de novos produtos e nas mudanças na política trabalhista brasileira. Entre as inovações adotadas nos últimos anos, Guanzirolí, Buainainii e Sabbato (2012) destaca, por exemplo, o uso mais intenso de energia elétrica e a mecanização, em substituição à tração manual.¹⁰ Matos e Pessoa (2011), por sua vez, destacam a mecanização da produção, a consolidação de complexos agroindustriais, a ampliação das culturas de exportação, as políticas de crédito e o avanço da biotecnologia e dos produtos transgênicos.

A informação sobre se o negócio possui CNPJ só foi captada pelo IBGE a partir de 2009.¹¹ Por essa razão, apenas a partir desse ano é possível separar empresários e potenciais empresários (com negócios).

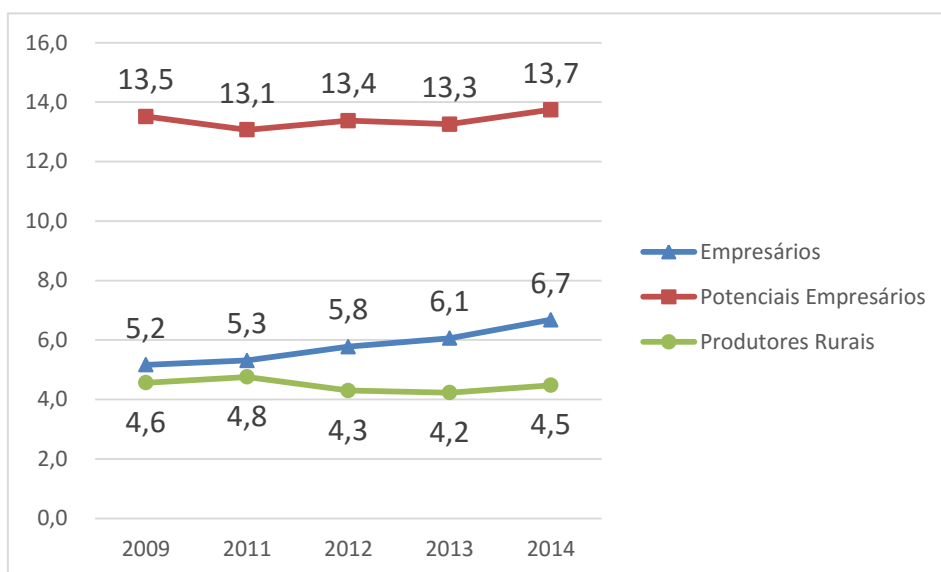
⁸ Categoria de empreendimento criada em 2008, com possibilidade de registro a partir de julho de 2009, que permite a formalização dos negócios muito pequenos, com faturamento até R\$ 60 mil/ano, por meio da internet e com custos de registros e manutenção muito baixos, além de facilitar a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais. Entre julho de 2009 e julho de 2016, foram criados mais de 6,1 milhões de Microempreendedores Individuais. Essa nova figura jurídica, no entanto, tem como integrantes pessoas oriundas de diversos tipos de ocupação (ex.: donas de casa, estudantes, Empreendedores Informais e até indivíduos que migraram de empresários de Microempresas para Microempreendedores Individuais).

⁹ Filho, Gasques e Sousa (2011).

¹⁰ Na comparação dos dados dos Censos Agropecuários de 2006 e 1996, verifica-se que, na última década para a qual existem dados, “os maiores avanços se deram no uso de energia elétrica, que foi realmente muito impulsionado pelo programa Luz para Todos, sobretudo no Nordeste, e na adoção de tração mecanizada vis-à-vis a tração manual. Esta tecnologia foi incentivada pelo Moderfrota do BNDES e pelo próprio Pronaf” (GUANZIROLII; BUAINAINII; SABBATO, 2012).

¹¹ Em 2010 não foi captada essa informação, pois foi realizado o Censo. A partir da Pnad 2015, não será mais levantada esta informação.

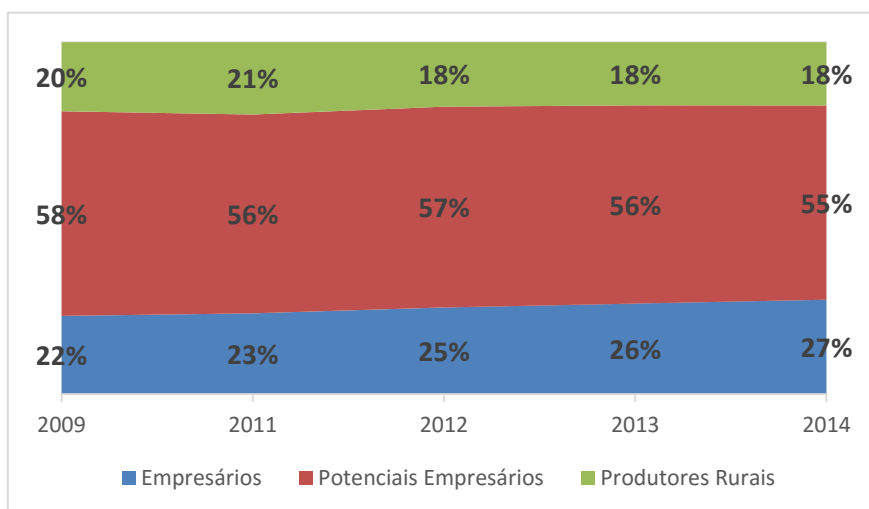
Gráfico 2 – Número de empresários, potenciais empresários e produtores rurais, no Brasil (em milhões de pessoas)



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Como consequência, a participação relativa dos empresários passou de 22% para 27%, a dos produtores rurais caiu de 20% para 18% e a dos potenciais empresários caiu de 58% para 55%, no conjunto de indivíduos donos de negócios existentes no país (gráfico 3).

Gráfico 3 – Distribuição dos donos de negócio por empresários, potenciais empresários e produtores rurais, no Brasil (em %)



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.2 Tipos de ocupação

Conforme consta na tabela 1, em 2014, 21,1 milhões de donos de negócios (85%) eram conta-própria, ou seja, trabalhavam sozinhos, e apenas 3,7 milhões de donos de negócios (15%) eram empregadores.

Quando são cruzadas as informações sobre o tipo de cliente e o tipo de ocupação no mercado de trabalho, verifica-se que dos 21,1 milhões de conta-própria, 62% são potenciais empresários (sem CNPJ), 20% são produtores rurais e 18% são empresários (com CNPJ).

No caso dos 3,7 milhões de empregadores, 78% são empresários (com CNPJ), 15% são potenciais empresários (sem CNPJ) e 7% são produtores rurais. Ou seja, estar na condição de empregador não significa que o empreendimento possui CNPJ; portanto, existem empregadores tanto em negócios formalizados quanto em negócios não formalizados.

Quando analisada cada categoria de cliente (100% na linha), verifica-se que os potenciais empresários e os produtores rurais são categorias quase completamente constituídas por indivíduos que trabalham sem empregados (respectivamente 96% e 94%). Por sua vez, os empresários, em parte (44%) têm empregados, em parte (56%) trabalham sem empregados.

Tabela 1 – Número de empresários, potenciais empresários e produtores rurais e ocupação no mercado de trabalho, em 2014

Tipo de cliente	Distribuição por tipo de cliente (100% na coluna)				Total	
	Conta-própria		Empregador			
Empresário	3.766.115	18%	2.912.866	78%	6.678.981	27%
Potencial empresário	13.196.418	62%	547.446	15%	13.743.864	55%
Produtor rural	4.208.940	20%	268.533	7%	4.477.473	18%
Total	21.171.473	100%	3.728.845	100%	24.900.318	100%

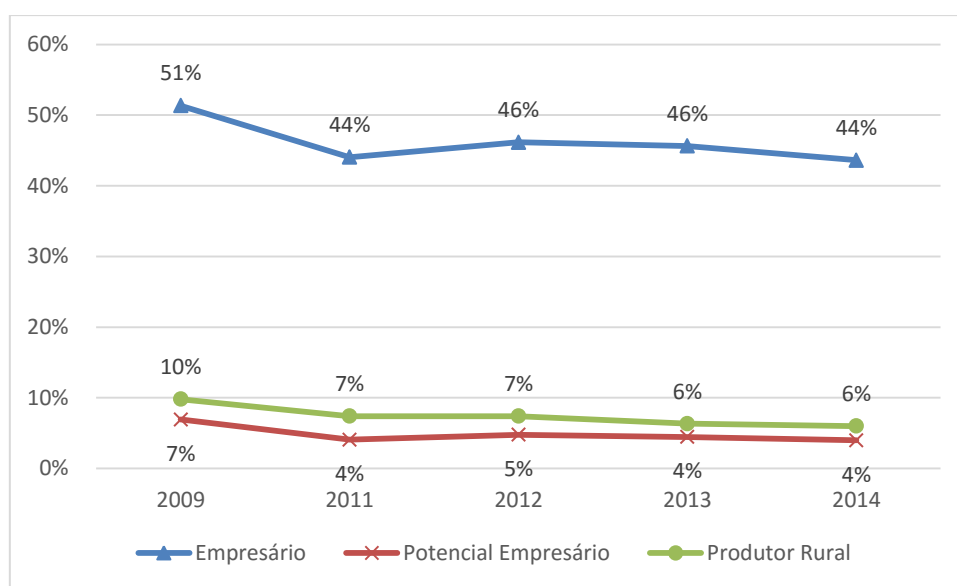
Tipo de cliente	Distribuição por tipo de ocupação (100% na linha)				Total	
	Conta-própria		Empregador			
Empresário	3.766.115	56%	2.912.866	44%	6.678.981	100%
Potencial empresário	13.196.418	96%	547.446	4%	13.743.864	100%
Produtor rural	4.208.940	94%	268.533	6%	4.477.473	100%
Total	21.171.473	85%	3.728.845	15%	24.900.318	100%

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

A elevada quantidade de donos de negócios que trabalha em empreendimentos de “uma pessoa só” revela certa precariedade de trabalho, em termos de estrutura operacional, uma vez que o negócio depende quase exclusivamente do dono.¹²

Curiosamente, no período entre 2009 e 2014, a participação relativa de empregadores mostrou-se decrescente nas três categorias de clientes do Sebrae. A categoria dos empresários é a que apresenta a maior proporção de empregadores. Em 2014, 44% dos empresários eram empregadores. No entanto, entre 2009 e 2014, essa proporção caiu de 51% para 44%. Já nos produtores rurais, apenas 10% eram empregadores em 2009, proporção que caiu para 6% em 2014. Finalmente, no caso dos potenciais empresários, essa proporção caiu de 7% em 2009, para 4% em 2014. Esses dados revelam uma tendência à redução média do porte dos pequenos negócios.

Gráfico 4 – Evolução da proporção de empregadores nas categorias de empresários, potenciais empresários e produtores rurais, no Brasil (em %)



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

¹² Embora os conta-própria não tenham empregados assalariados, não está descartada a possibilidade de terem membros da família ou amigos que os ajudem no seu negócio. Quando isso ocorre, não há, no entanto, uma relação de assalariamento.

2.3 Posição no domicílio

Os donos de negócios são predominantemente chefes de domicílio.

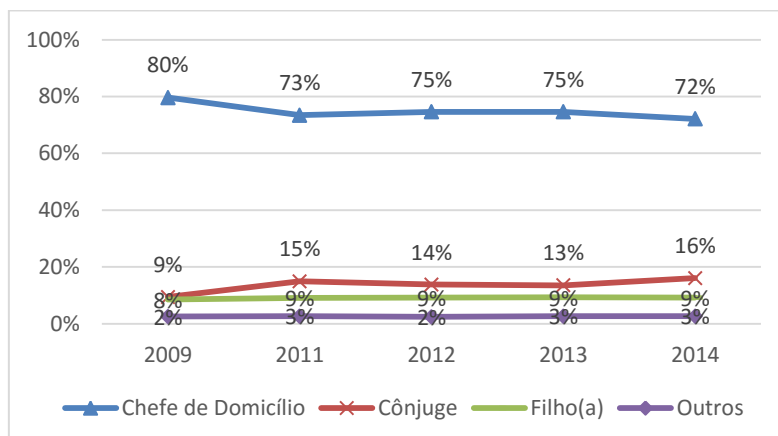
O grupo dos produtores rurais (gráfico 5) é o que apresenta a maior proporção de chefes de domicílio. Em 2014, 72% eram chefes de domicílio, 16% cônjuges, 9% filhos(as) e 3% tinham outros tipos de parentesco (ex.: parentes, agregados e pensionistas). Observe-se que, embora apresente a proporção mais alta de chefes de domicílio (72% em 2014), esta proporção já chegou a ser de 80% em 2009, tendo caído concomitantemente ao aumento da proporção de cônjuges, que passou de 9% para 16%.

No grupo dos empresários (gráfico 6), em 2014, 61% eram chefes de domicílio, 26% cônjuge, 9% filhos(as) e 3% outros tipos de parentesco.

No grupo dos potenciais empresários (gráfico 7), 57% eram chefes do domicílio, 26% cônjuges, 13% filhos(as) e 5% classificados como outros.

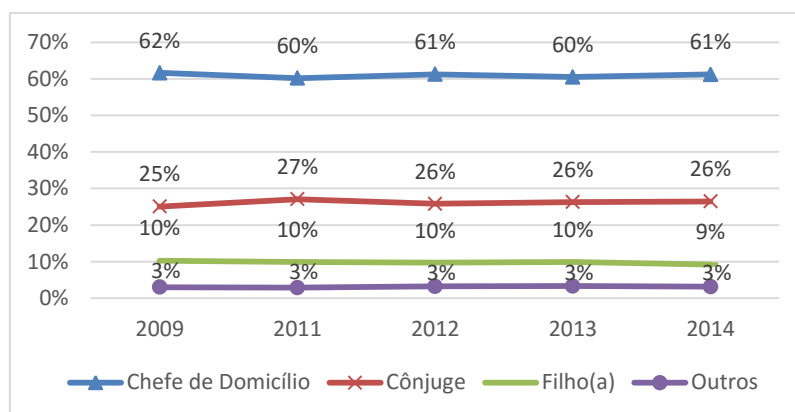
Tanto no caso dos empresários quanto dos potenciais empresários, no período de 2009 a 2014, não houve variação expressiva nessas proporções.

Gráfico 5 – Produtores rurais: evolução da distribuição na posição no domicílio, de 2009 a 2014



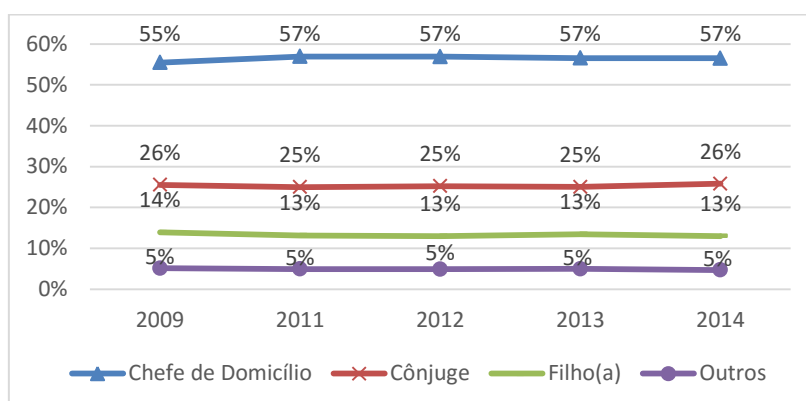
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).
Obs.: Outros = parentes, agregados, pensionistas etc.

Gráfico 6 – Empresários: evolução da distribuição na posição no domicílio, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).
Obs.: Outros = parentes, agregados, pensionistas etc.

Gráfico 7 – Potenciais empresários: evolução da distribuição na posição no domicílio, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Obs.: Outros = parentes, agregados, pensionistas etc.

2.4 Sexo

Os donos de negócios são predominantemente homens.

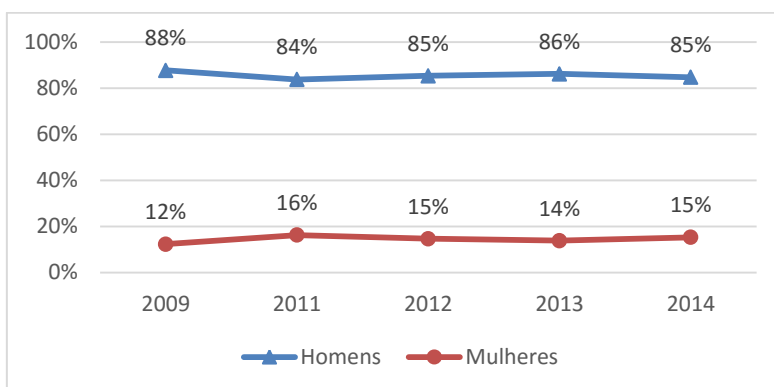
O grupo dos produtores rurais (gráfico 8) é destacadamente o que apresenta maior proporção de homens. Em parte, isso se deve a fatores culturais (BURDINI FILHO et al., [s.d.]). Em 2014, 85% eram homens e 15% mulheres. Observe-se que, embora apresente a maior proporção de homens (85% em 2014), esta proporção já chegou a ser de 88% em 2009, tendo caído concomitantemente ao aumento da proporção de mulheres, que passou de 12% para 15%.

No grupo dos empresários (gráfico 9), em 2014, 66% eram homens e 34% mulheres. Aqui também houve uma queda da participação relativa dos homens (de 68% para 66%), entre 2009 e 2014, e aumento da participação feminina (de 32% para 34%).

De acordo com Gomes (2004), o crescimento da presença das mulheres na esfera econômica demonstra um movimento diverso daquele tradicionalmente verificado na sociedade até então. Não se trata apenas de episódios de ingresso no mercado de trabalho para complementar a renda familiar, embora essa motivação também esteja presente, especialmente quando se consideram as sucessivas crises da economia brasileira e as altas taxas de emprego. Trata-se de uma mudança social de grandes proporções, pois envolve transformações nas expectativas de vida profissional, pessoal e nas relações familiares.

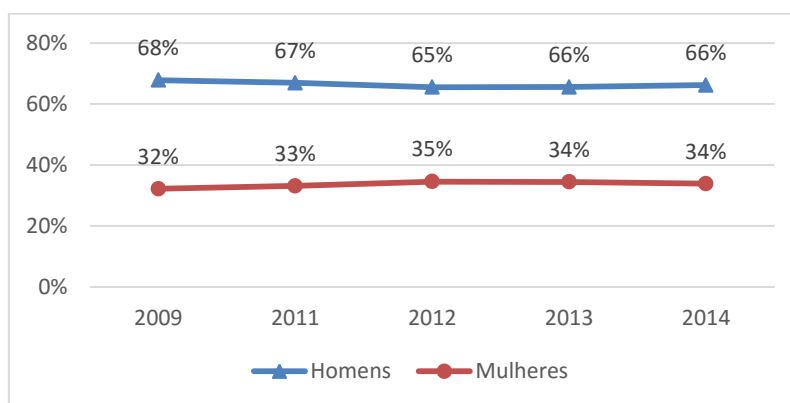
No grupo dos potenciais empresários (gráfico 10), em 2014, 64% eram homens e 36% mulheres. Nesse segmento, no entanto, entre 2009 e 2014, não parece ter havido variação expressiva nessas proporções entre homens e mulheres.

Gráfico 8 – Produtores rurais: participação de homens/mulheres, de 2009 a 2014



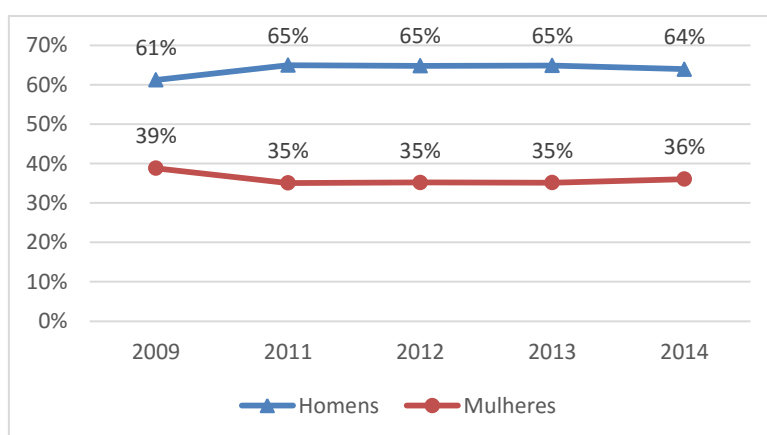
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 9 – Empresários: participação de homens/mulheres, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 10 – Potenciais empresários: participação de homens/mulheres, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.5 Escolaridade

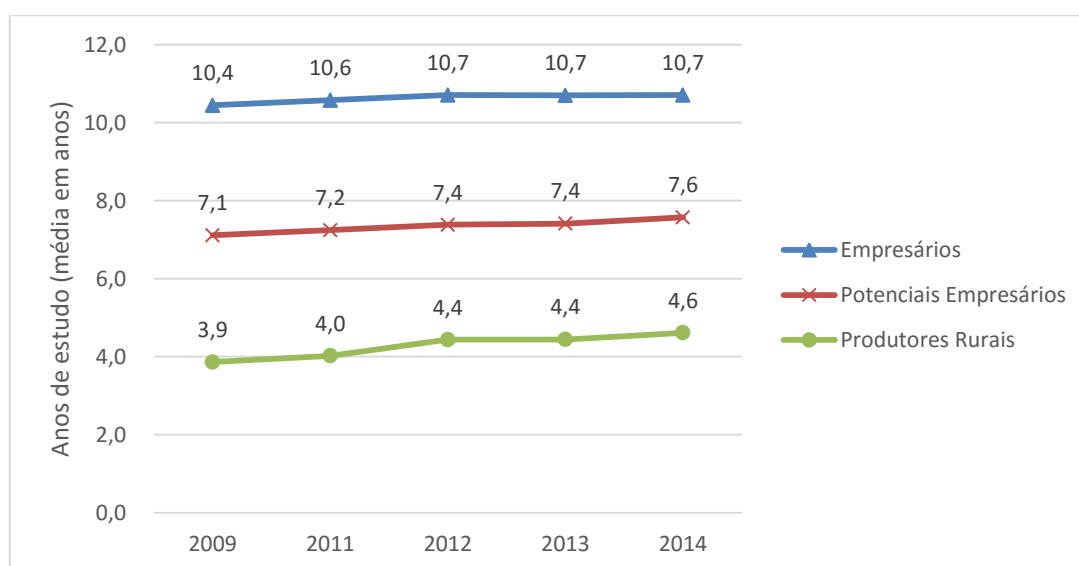
Em média, em 2014, os empresários tinham 10,7 anos de estudo, os potenciais empresários 7,6 anos de estudo e os produtores rurais 4,6 anos de estudo.

Pelo gráfico 11, é possível observar que, entre 2009 e 2014, os três segmentos de clientes do Sebrae tiveram aumento do grau de escolaridade. Porém, os aumentos foram proporcionalmente mais fortes nos segmentos menos escolarizados. Assim, os produtores rurais passaram de 3,9 para 4,6 anos de estudo em média (um aumento de 19%).

No mesmo período, os potenciais empresários passaram de 7,1 para 7,6 anos de estudo em média (uma expansão de 7% no tempo médio de estudo).

Finalmente, os empresários passaram de 10,4 para 10,7 anos de estudo em média (uma variação de apenas 3% no tempo médio de estudo).

Gráfico 11 – Evolução da média de anos de estudos, de 2009 a 2014



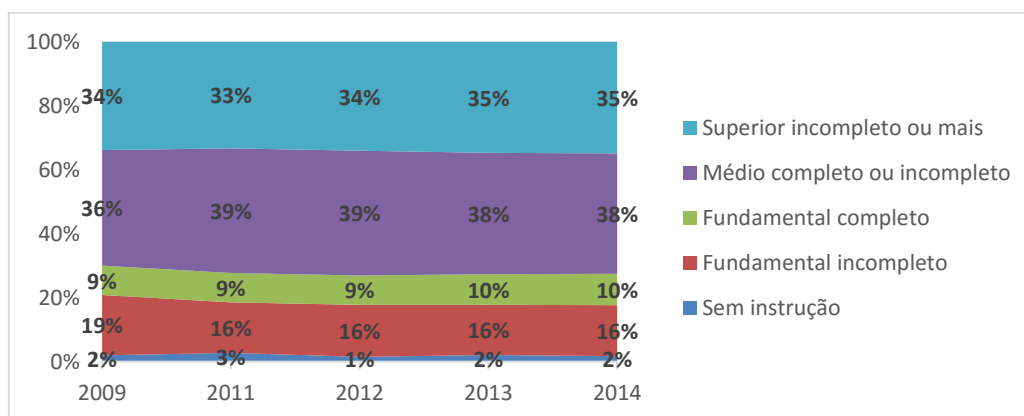
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Quando consideradas as faixas de escolaridade, verifica-se que, no caso dos empresários, em 2014, 35% possuíam Ensino Superior incompleto ou mais, 38% Ensino Médio completo ou incompleto, 10% Ensino Fundamental completo, 16% Ensino Fundamental incompleto e 2% eram sem instrução. Entre 2009 e 2014, houve aumento de 1 ponto percentual (p.p.) no grupo dos que têm Ensino Superior e 2 p.p. no grupo dos que têm Ensino Médio.

No grupo dos potenciais empresários, em 2014, 10% possuíam Ensino Superior incompleto ou mais, 32% Ensino Médio completo ou incompleto, 12% Ensino Fundamental completo, 37% Ensino Fundamental incompleto e 8% eram sem instrução. Entre 2009 e 2014, houve aumento de 2 p.p. no grupo dos que têm Ensino Superior e 2 p.p. no grupo dos que têm Ensino Médio.

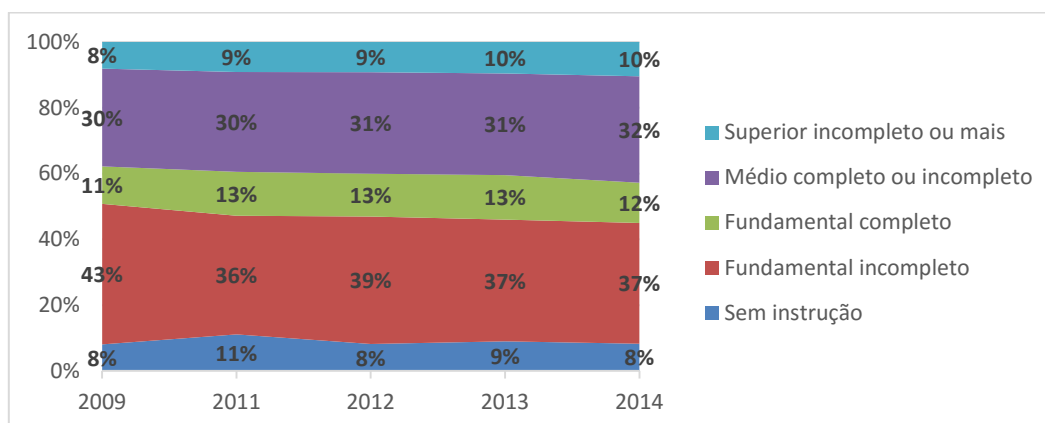
Entre os produtores rurais, segmento menos escolarizado, em 2014, apenas 3% possuíam Ensino Superior incompleto ou mais, 14% Ensino Médio completo ou incompleto, 8% Ensino Fundamental completo, 52% Ensino Fundamental incompleto e 22% eram sem instrução. Entre 2009 e 2014, houve aumento de 1 p.p. no grupo dos que têm Ensino Superior e 4 p.p. no grupo dos que têm Ensino Médio. Embora seja o grupo menos escolarizado, foi o que teve maior aumento de escolaridade no período.

Gráfico 12 – Empresários: evolução da distribuição por grau de escolaridade, de 2009 a 2014



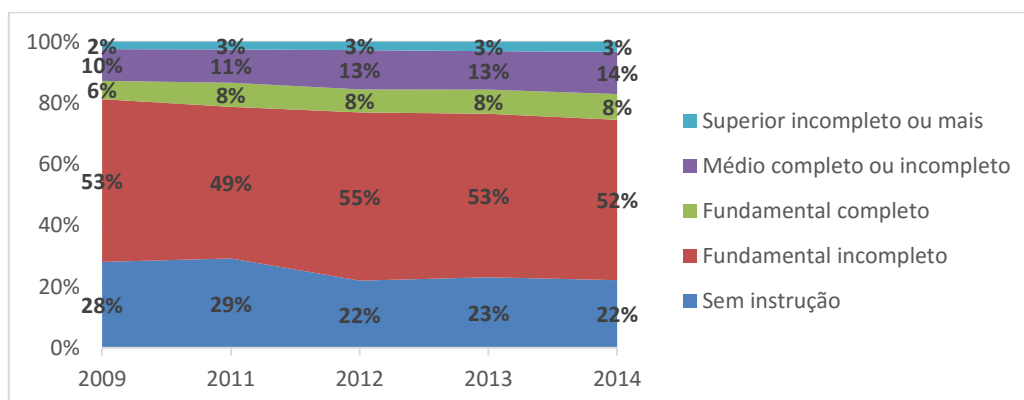
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 13 – Potenciais empresários: evolução da distribuição por grau de escolaridade, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 14 – Produtores rurais: evolução da distribuição por grau de escolaridade, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Na tabela 2, pode-se constatar que os níveis mais elevados de escolaridade estão nos empresários que trabalham como empregadores. Particularmente nesse caso, 41% atingiram o Ensino Superior (incompleto ou mais). O maior grau de escolaridade desse grupo, em parte, espelha algumas atividades que exigem maior grau de formação escolar, como, por exemplo, serviços de arquitetura, engenharia, clínicas médicas e odontológicas e serviços de informática. No outro extremo, o nível mais baixo de escolaridade está no grupo de produtores rurais que trabalham como conta-própria, ou seja, sem empregados – 76% dos produtores rurais que trabalham sem empregados não têm nem o Ensino Fundamental completo.

Tabela 2 – Distribuição por grau de escolaridade e posição na ocupação, em 2014

	Empresário			Potencial empresário			Produtor rural		
	Conta-própria	Empregador	Total	Conta-própria	Empregador	Total	Conta-própria	Empregador	Total
Sem instrução	2%	1%	2%	8%	6%	8%	23%	11%	22%
Fundamental incompleto ou equivalente	19%	12%	16%	37%	32%	37%	53%	33%	52%
Fundamental completo ou equivalente	11%	9%	10%	12%	13%	12%	8%	9%	8%
Médio completo ou incompleto	38%	37%	38%	32%	29%	32%	13%	25%	14%
Superior incompleto ou mais	30%	41%	35%	10%	20%	10%	2%	23%	3%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

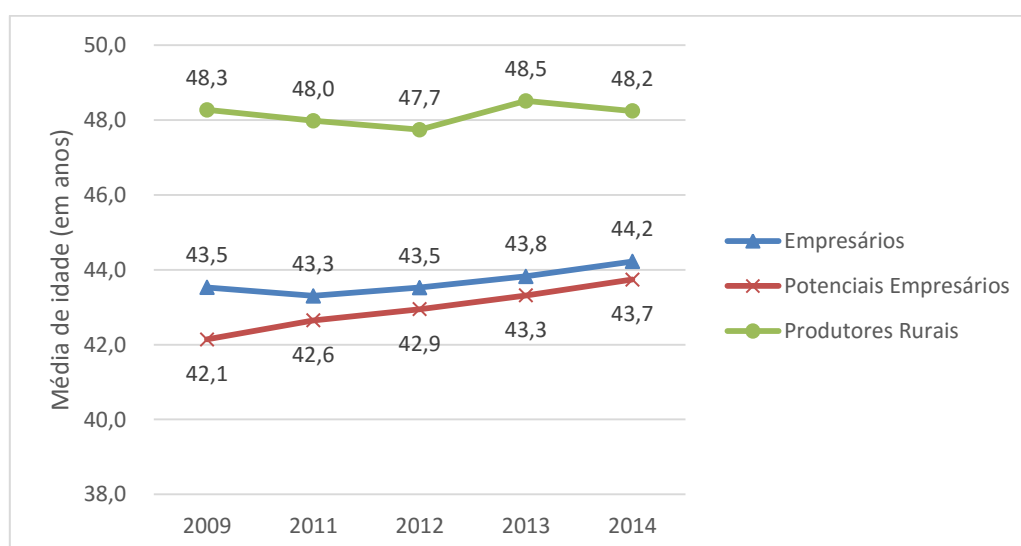
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Dessa forma, verifica-se que o grau de escolaridade tende a ser maior nos centros urbanos, nos negócios com empregados e com registro formal. De forma inversa, o grau de escolaridade tende a ser menor no meio rural e nos negócios tocados por indivíduos que trabalham por conta própria.

2.6 Faixa etária

Em média, em 2014, os produtores rurais tinham 48,2 anos, enquanto os empresários tinham 44,2 anos e os potenciais empresários tinham 43,7 anos. Entre 2009 e 2014, a idade média dos produtores rurais permaneceu relativamente estável, enquanto o grupo dos empresários ganhou quase um ano a mais na sua idade média e os potenciais empresários ganharam um pouco mais de 1,5 ano. O aumento da idade média nestes dois últimos grupos parece estar associado ao movimento mais amplo do progressivo envelhecimento da sociedade brasileira, com redução da base da pirâmide etária e ampliação das faixas mais velhas (WONG; CARVALHO, 2006). No caso dos produtores rurais, isso parece menos evidente, em parte porque neste grupo a idade média já é bastante elevada.

Gráfico 15 – Evolução da média de idade, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

O aumento da idade média dos empresários deve-se à expansão dos que têm entre 45 e 64 anos, e queda dos que têm até 24 anos (gráfico 16). Assim, em 2014, 4% tinham até 24 anos, 22% de 25 a 34 anos, 27% de 35 a 44 anos, 27% de 45 a 54 anos, 16% de 55 a 64 anos e 5% com 65 anos ou mais.

Curiosamente, o grupo dos potenciais empresários é o que apresenta maior proporção de jovens. Em parte, isso se deve ao fato de o trabalho informal ser uma das formas mais fáceis de ingresso no mercado de trabalho, em especial para aqueles que não possuem muita experiência. Segundo estudo da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Instituto de

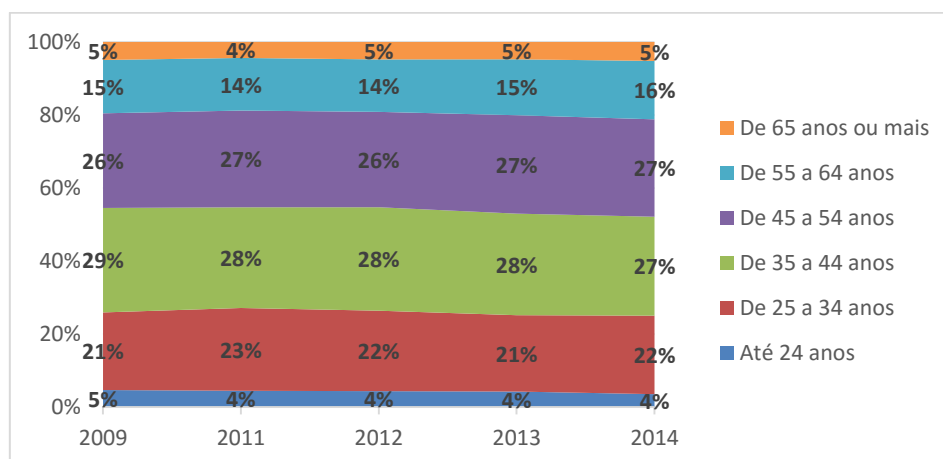
Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea),¹³ os jovens apresentam maiores taxas de desemprego, rotatividade e informalidade, devido a fatores tais como restrições legais,¹⁴ desejo de autonomia e dificuldade de inserção no primeiro emprego. No grupo dos potenciais empresários, em 2014, 8% tinham até 24 anos, 20% de 25 a 34 anos, 25% de 35 a 44 anos, 24% de 45 a 54 anos, 16% de 55 a 64 anos e 7% com 65 anos ou mais (gráfico 17). Observe-se que, ainda que seja o segmento mais jovem, em média, entre 2009 e 2014, houve um aumento das participações relativas das faixas acima de 55 anos, e queda dos que têm até 44 anos, seguindo a tendência de envelhecimento citada anteriormente.

Os produtores rurais formam o grupo com maior proporção relativa de pessoas mais velhas (com 55 anos ou mais). Mais de 1/3 encontra-se com 55 anos ou mais. Entre 2009 e 2014, não houve variação expressiva nas proporções por faixas. Em 2014, 13% tinham 65 anos ou mais, 22% entre 55 e 64 anos, 26% entre 45 e 54 anos, 20% entre 35 e 44 anos, 14% entre 25 e 34 anos e apenas 5% com até 24 anos. Alguns fatores que justificam a baixa proporção de jovens nesse meio são: busca pela formação profissional nos centros urbanos, atividades de lazer e dificuldades de acesso à terra e ao crédito (CARVALHO et al., 2009).

¹³ OIT e Ipea (2015).

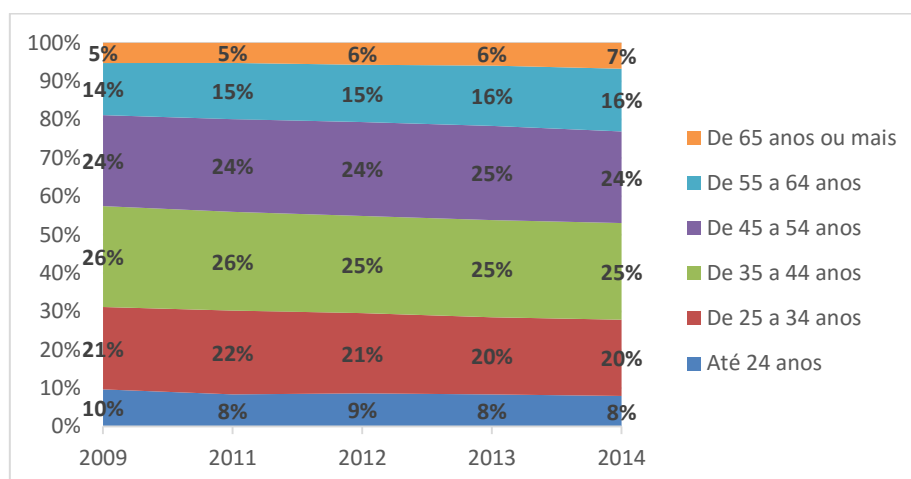
¹⁴ “O trabalho no Brasil é proibido para menores de 14 anos e, desta idade até os 15 anos, só é permitido na condição de aprendiz. Entre os 16 e 17 anos o trabalho é liberado, desde que não comprometa a atividade escolar e que não ocorra em condições insalubres e com jornada noturna” (OIT; IPEA, 2015, p. 13).

Gráfico 16 – Empresários: evolução da distribuição por faixa etária, de 2009 a 2014



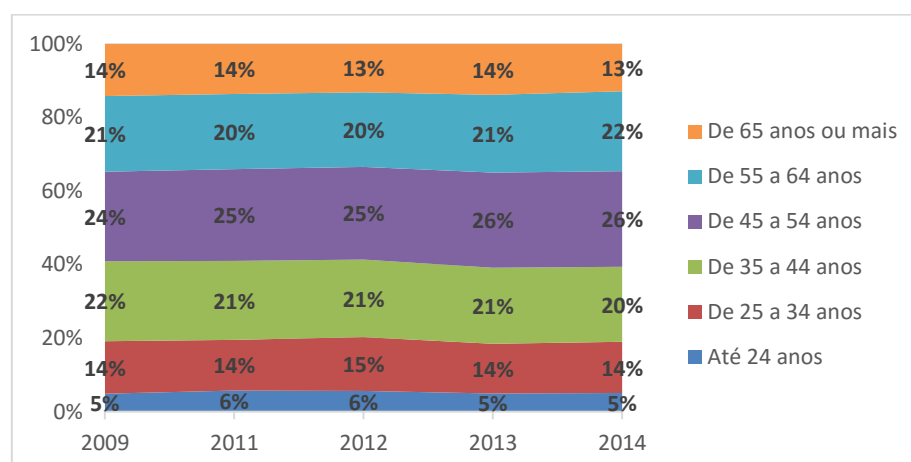
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 17 – Potenciais empresários: evolução da distribuição por faixa etária, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 18 – Produtores rurais: evolução da distribuição por faixa etária, de 2009 a 2014



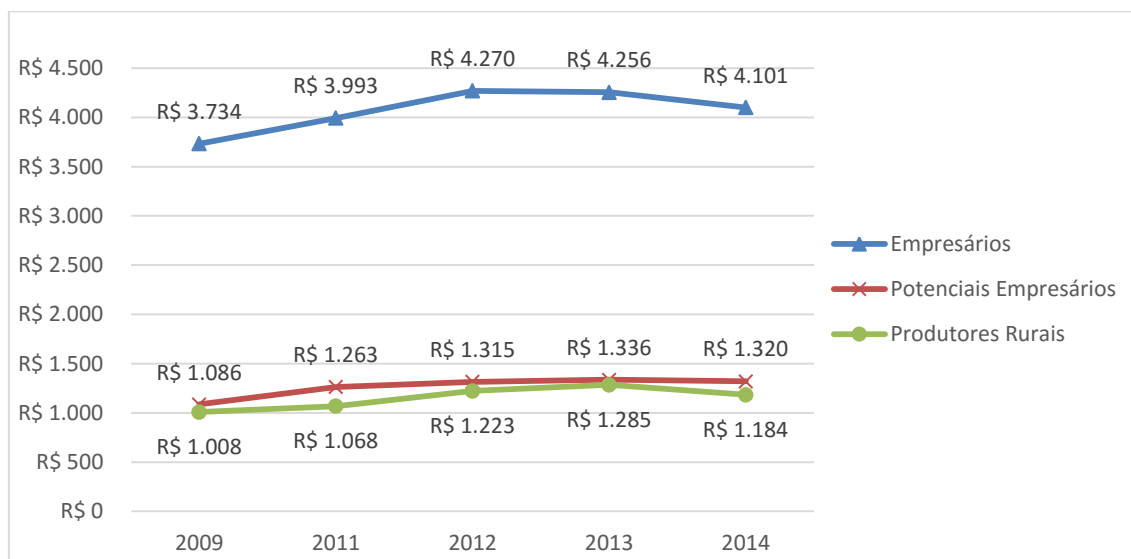
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.7 Rendimento médio mensal

O rendimento médio mensal dos empresários é, de uma forma geral, de três a quatro vezes superior ao dos potenciais empresários e dos produtores rurais. Em 2014, os empresários tinham um rendimento médio de R\$ 4.101, 210% superior ao rendimento médio dos potenciais empresários (que recebiam R\$ 1.320) e 246% superior ao rendimento dos produtores rurais, segmento com menor remuneração média, que recebiam R\$ 1.184 (gráfico 19).¹⁵

Apesar do maior rendimento médio dos empresários, entre 2009 e 2014, este foi o segmento que obteve o menor aumento no valor médio desse rendimento, com expansão de 9% (passando de R\$ 3.734 para R\$ 4.101), enquanto os produtores rurais tiveram aumento de 17% e os potenciais empresários tiveram aumento de 22%.

Gráfico 19 – Evolução do rendimento médio real, de 2009 a 2014



¹⁵ Trabalho anterior do Sebrae – intitulado “Empresários, potenciais empresários e produtores rurais” (SEBRAE, 2015a) – apontou que, apesar de os produtores rurais apresentarem o menor rendimento médio, dentro desse segmento, se considerados apenas os empregadores, estes estão entre os segmentos de atuação do Sebrae mais bem remunerados. De acordo com a Pnad 2013, os produtores rurais que eram empregadores recebiam R\$ 6.200, em média, e os que eram conta-própria recebiam R\$ 860, em média. A existência de um grupo de produtores rurais de renda relativamente alta foi identificada também por Guanzirolí, Buainainii e Sabbato (2012). Para estes autores, trata-se de um segmento que possui um padrão de vida de classe média urbana. “Este grupo é o mais semelhante, na agricultura brasileira, ao ‘family farm’ norte-americano” (GUANZIROLII; BUAINAINII; SABBATO, 2012).

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Obs.: Valores constantes deflacionados pelo IPCA/IBGE de setembro/2014.

O rendimento médio relativamente baixo dos potenciais empresários (aqueles sem CNPJ) é fortemente influenciado por aqueles que atuam nos centros urbanos como conta-própria. Em parte, isso se deve ao fato de esse grupo apresentar elevada presença em atividades mais simples e/ou precárias no mercado de trabalho. São exemplos: atividades exercidas por pedreiros, pintores, vendedores ambulantes e cabeleireiros/manicure/depilação sem registro formal, atividades que exigem menor grau de escolaridade.

Por sua vez, entre os produtores rurais, o elevado número de indivíduos que atuam sozinhos e em propriedades rurais relativamente pequenas, próximos dos níveis de subsistência, contribui para explicar o baixo rendimento médio mensal desse grupo.

Quando consideradas as faixas de rendimento, verificam-se distribuições com padrões distintos (gráficos 20, 21 e 22). A grande maioria dos produtores rurais e potenciais empresários ganha até 2 salários mínimos (SM), enquanto os empresários apresentam uma distribuição mais equilibrada.

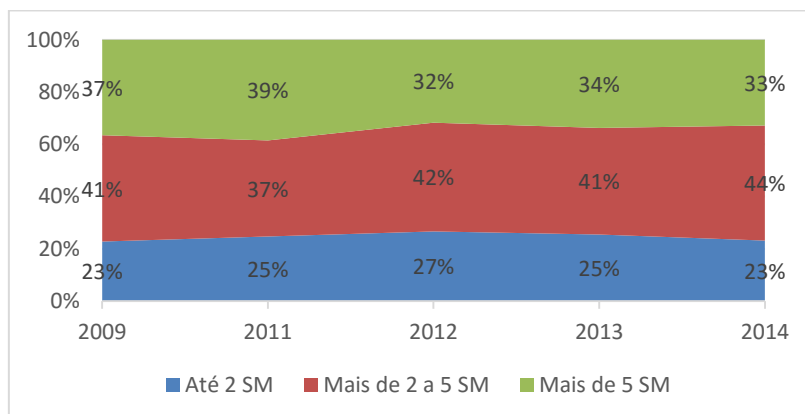
No grupo dos empresários, em 2014, 23% ganhavam até 2 SM, 44% ganhavam mais de 2 e até 5 SM e 33% ganhavam mais de 5 SM. Entre 2009 e 2014, a faixa que mais cresceu em participação foi a de 2 a 5 SM (passou de 41% para 44%).

No grupo dos potenciais empresários, em 2014, 69% ganhavam até 2 SM, 26% ganhavam mais de 2 e até 5 SM e apenas 5% ganhavam mais de 5 SM. Entre 2009 e 2014, a exemplo do ocorrido com os empresários, a faixa que mais cresceu em participação foi a de 2 a 5 SM (passou de 21% para 26%).

No grupo dos produtores rurais, em 2014, 79% ganhavam até 2 SM, 15% ganhavam mais de 2 e até 5 SM e apenas 6% ganhavam mais de 5 SM. Entre 2009 e 2014, a faixa que mais cresceu em participação também foi a de 2 a 5 SM (passou de 13% para 15%).

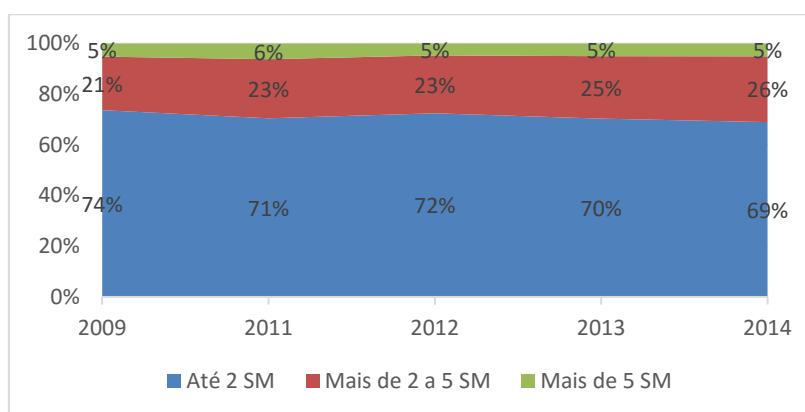
Vale observar que, entre 2009 e 2014, o SM teve um aumento real de valor da ordem de 16,5%, o que dificulta um pouco a análise mais apurada da variável “faixa de SM”.

Gráfico 20 – Empresários: evolução da distribuição dos rendimentos por faixa de SM, de 2009 a 2014



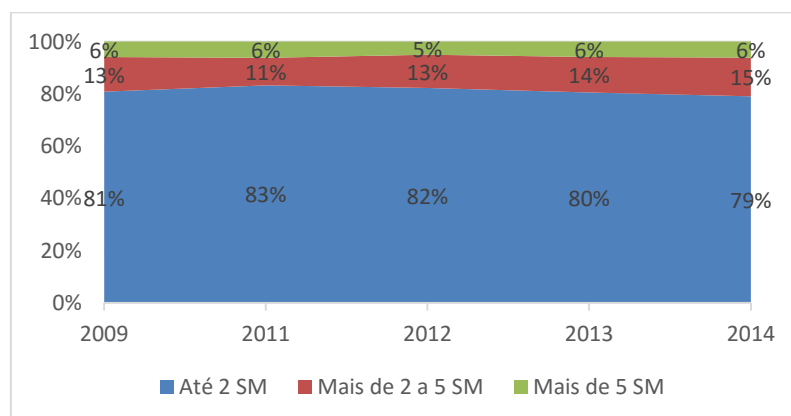
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 21 – Potenciais empresários: evolução da distribuição dos rendimentos por faixa de SM, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 22 – Produtores rurais: evolução da distribuição dos rendimentos por faixa de SM, de 2009 a 2014

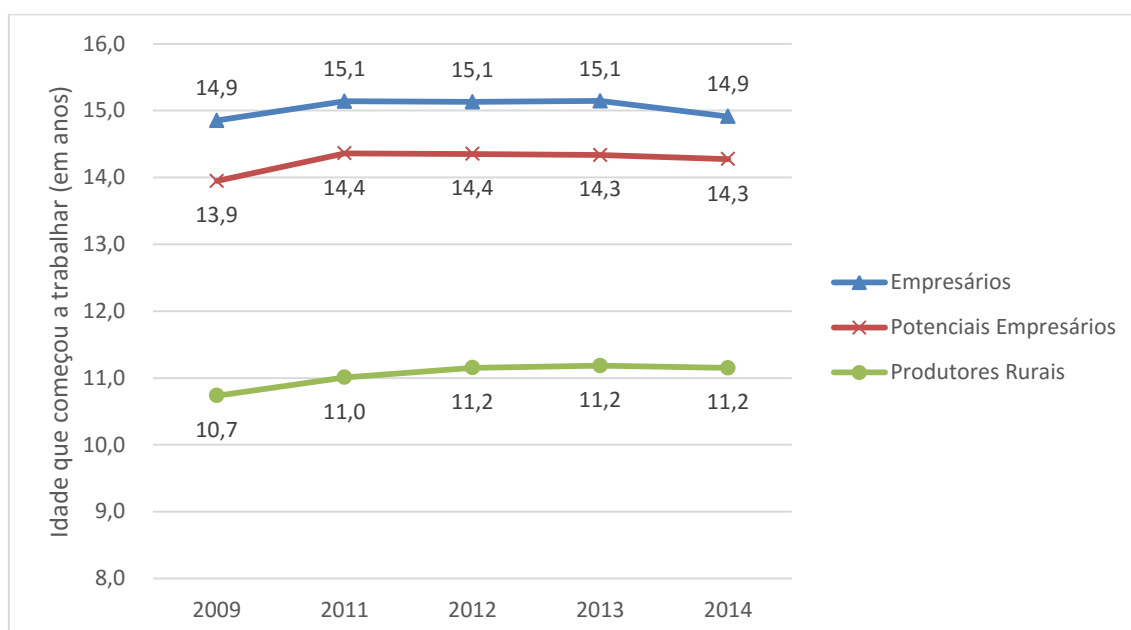


Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.8 Idade em que começou a trabalhar

Em geral, os donos de negócios começam a trabalhar cedo. Os produtores rurais são, destacadamente, os que começam mais cedo. Em 2014, a média de idade em que eles começaram a trabalhar foi de 11 anos, a dos potenciais empresários 14 anos e a dos empresários 15 anos. Entre 2009 e 2014, não houve alteração expressiva nessa variável, apenas ligeiro aumento no caso dos potenciais empresários e dos produtores rurais (gráfico 23).

Gráfico 23 – Evolução da idade média em que começaram a trabalhar, de 2009 a 2014



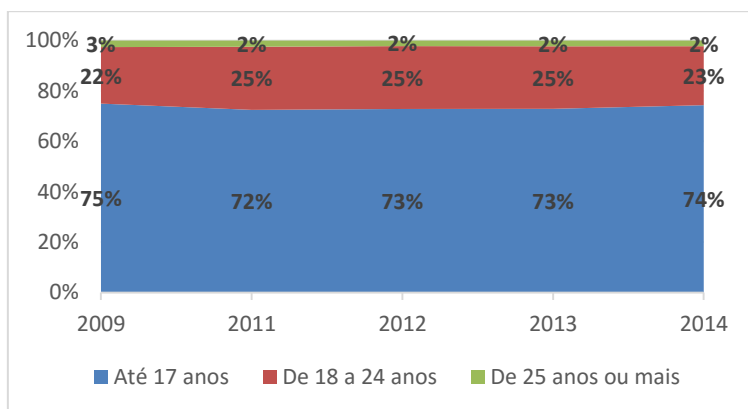
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Por faixas etárias, no grupo dos empresários, em 2014, 74% começaram a trabalhar até os 17 anos, 23% entre 18 e 24 anos e 2% com 25 anos ou mais (gráfico 24).

No grupo dos potenciais empresários, em 2014, 80% começaram a trabalhar até os 17 anos, 18% entre 18 e 24 anos e 2% com 25 anos ou mais (gráfico 25).

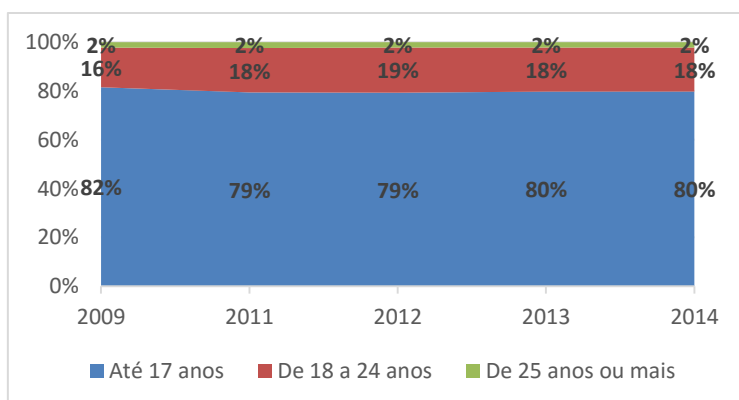
No grupo dos produtores rurais, em 2014, 96% começaram a trabalhar até os 17 anos, 4% entre 18 e 24 anos e 0,3% com 25 anos ou mais (gráfico 26).

Gráfico 24 – Empresários: evolução da idade média em que começaram a trabalhar, de 2009 a 2014



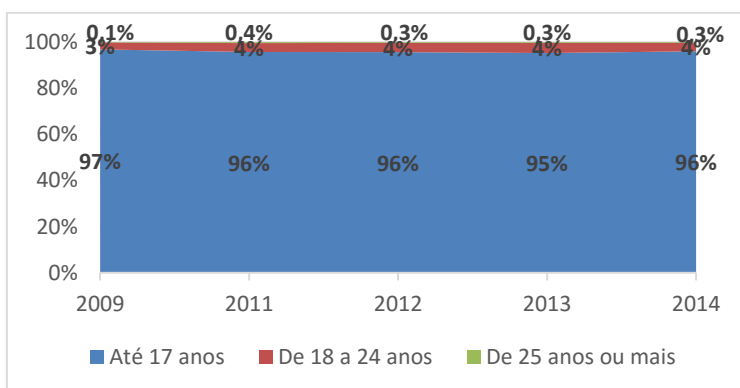
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 25 – Potenciais empresários: evolução da idade média em que começaram a trabalhar, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 26 – Produtores rurais: evolução da idade média em que começaram a trabalhar, de 2009 a 2014



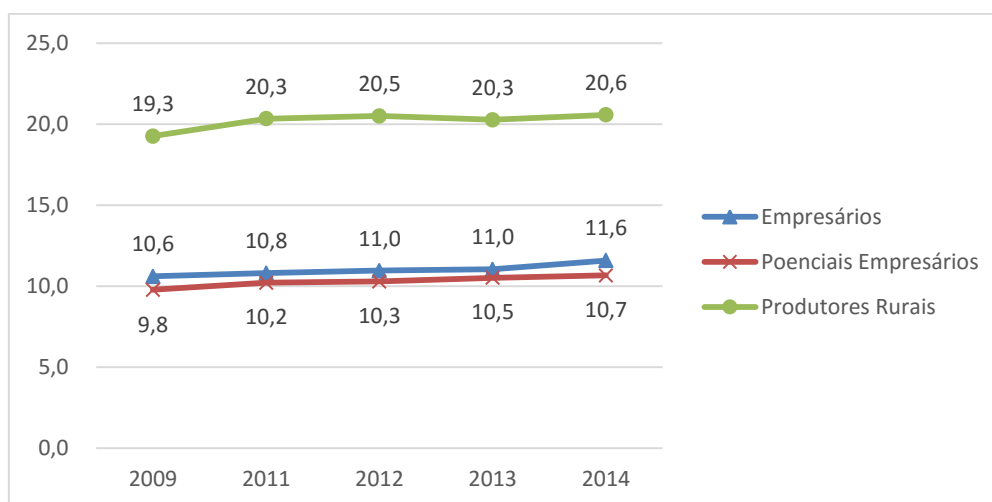
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.9 Tempo no trabalho atual

A maioria dos donos de negócio trabalha na atividade atual há um número razoável de anos, o que, a princípio, pode ser considerado como algo positivo, sob o ponto de vista de que seu negócio já deve ter passado pelas fases iniciais, em geral as mais difíceis. Outro aspecto associado ao número de anos de trabalho em uma mesma atividade é a maior experiência obtida em tal atividade. Supõe-se que o maior número de anos na mesma atividade tende a conferir experiência ao dono do negócio.

Os produtores rurais estão, em média, há mais tempo no trabalho atual (20,6 anos) do que os empresários (11,6 anos) e os potenciais empresários (10,7 anos). Entre 2009 e 2014, o tempo médio no trabalho atual aumentou aproximadamente um ano nos três segmentos analisados.

Gráfico 27 – Evolução do tempo no trabalho atual, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Não obstante a elevada longevidade dos produtores rurais na mesma atividade, particularmente nesse grupo, há uma forte presença de indivíduos que trabalham na chamada Agricultura Familiar, parte da qual tende a se aproximar da Agricultura de Subsistência. Portanto, para estes indivíduos, não necessariamente a permanência na mesma atividade pode ser considerada tão positiva. Devendo ser objeto de política pública específica de

superação dessa condição,¹⁶ a exemplo do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf)¹⁷ e de outras políticas associadas.

Em 2014, 62% dos empresários estavam no trabalho atual há mais de cinco anos, 21% entre 2,1 e cinco anos e 17% até dois anos (gráfico 28).

Em 2014, 56% dos potenciais empresários estavam no trabalho atual há mais de cinco anos, 20% entre 2,1 e cinco anos e 24% até dois anos (gráfico 29).

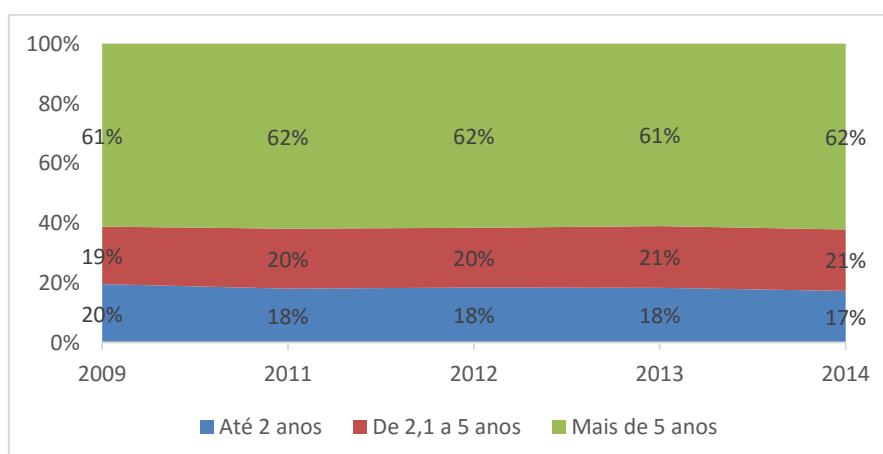
Em 2014, 82% dos produtores rurais estavam no trabalho atual há mais de cinco anos, 10% entre 2,1 e cinco anos e 8% até dois anos (gráfico 30).

Entre 2009 e 2014, houve pouca alteração na participação relativa das faixas de “tempo no trabalho atual”, nos três segmentos analisados. O maior destaque nesse período foi o aumento da faixa de mais de cinco anos, o que ocorreu nos três segmentos aqui analisados.

¹⁶ Com base nos dados do Censo Agropecuário de 2006, Guanzirolji, Buainainii e Sabato (2012) estimam que 56% dos produtores rurais do país encontram-se em uma condição semelhante à condição aqui observada, a qual eles chamam de “grupo D”. Estes autores observam, ainda, que, na comparação entre os Censos de 2006 e 1996, “o número e a participação percentual do segmento mais pobre da Agricultura Familiar aumentaram a custas de reduções dos segmentos intermediários ou de transição (B e C)” (op. cit.).

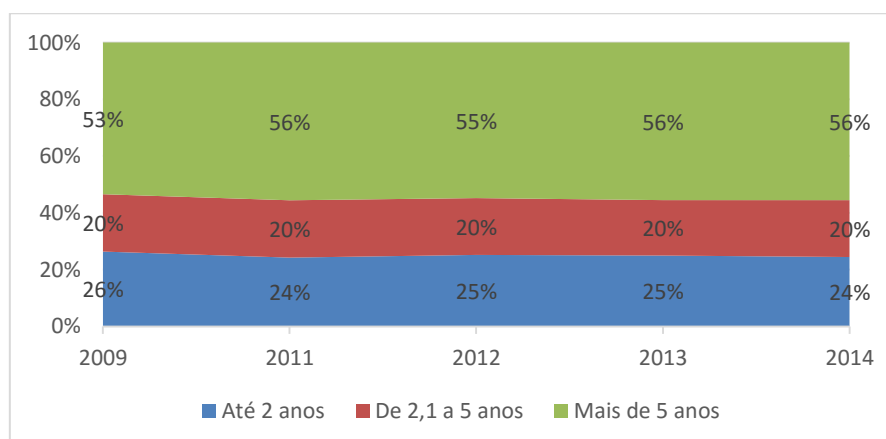
¹⁷ “O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) destina-se a estimular a geração de renda e melhorar o uso da mão de obra familiar, por meio do financiamento de atividades e serviços rurais agropecuários e não agropecuários desenvolvidos em estabelecimento rural ou em áreas comunitárias próximas” (BCB, 2015).

Gráfico 28 – Empresários: evolução do tempo no trabalho atual, de 2009 a 2014



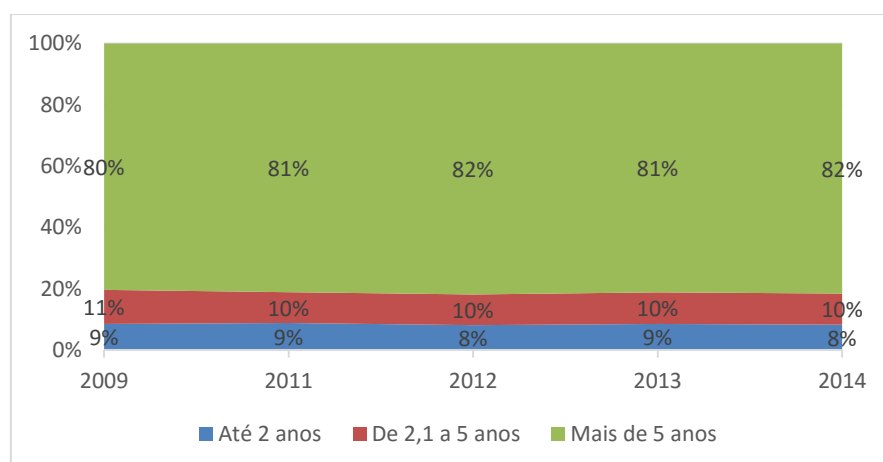
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 29 – Potenciais empresários: evolução do tempo no trabalho atual, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 30 – Produtores rurais: evolução do tempo no trabalho atual, de 2009 a 2014



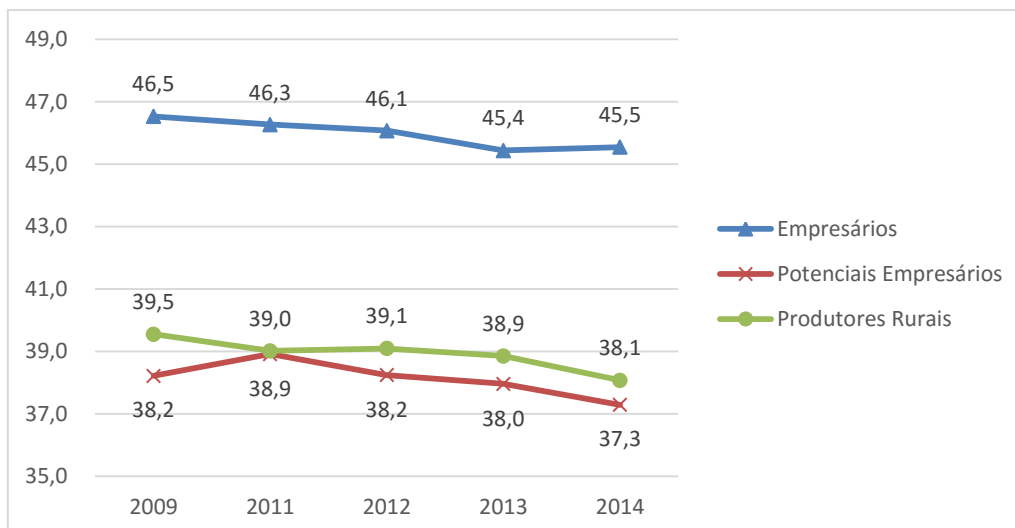
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

O fato de a proporção de potenciais empresários com até dois anos no trabalho atual ser a maior entre os grupos analisados pode ser explicada, em parte, por haver, neste grupo, uma proporção elevada de jovens, pessoas que entraram mais recentemente no mercado de trabalho. Outro aspecto que contribui para isso é que uma parte das pessoas que inicia um negócio opta, em um primeiro momento, por tocá-lo sem registro formal, deixando para regularizá-lo após certo período de tempo. Por outro lado, a maior proporção de produtores rurais com mais de cinco anos de atividade parece estar associada à grande proporção de pessoas mais velhas na atividade rural, à significativa proporção de pessoas que começaram a trabalhar até os 17 anos de idade, estão há muito tempo na atividade atual, e a questões culturais, uma vez que predominam neste grupo homens mais velhos e que, em parte, ingressaram no ramo agropecuário porque já pertenciam às famílias que já atuavam nesse setor.

2.10 Carga de trabalho semanal

Em média, em 2014, os empresários trabalharam 45 horas por semana, os produtores rurais trabalharam 38 horas por semana e os potenciais empresários trabalharam 37 horas semanais (gráfico 31). Entre 2009 e 2014, houve uma queda de aproximadamente 1 hora na carga de trabalho semanal nos três segmentos. Em parte, esta queda pode estar associada à modernização dos processos produtivos, por exemplo, com o aumento da eletrificação e com a mecanização no campo, o aumento do uso da telefonia móvel e dos recursos de informática etc.

Gráfico 31 – Evolução da distribuição da carga de trabalho semanal, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

A maior carga de trabalho semanal dos empresários, em parte, pode estar associada ao fato de que parcela importante desse segmento trabalha com estruturas relativamente mais complexas, por exemplo, com empregados. Em geral, os empreendimentos com mais empregados operam com maior volume de recursos (inclusive pessoal), o que tende a exigir maior número de horas para a administração do negócio. Vale lembrar que 78% dos empregadores do país estão no grupo dos empresários, conforme anteriormente mencionado na tabela 1.

No caso dos potenciais empresários, o número médio menor de horas trabalhadas por semana pode estar associado ao fato de que parte das atividades do grupo é do tipo “bico”, possui maior precariedade e/ou ainda é executada “sob demanda”. Tais características tendem a conferir maior flutuação no nível de atividade, mas também podem proporcionar maior flexibilidade de horário e carga de trabalho semanal mais baixa aos seus executores. São exemplos os profissionais que atuam em reformas, como pedreiros, pintores etc. Vale lembrar que os potenciais empresários respondem por 62% dos donos de negócios que trabalham como conta-própria (possuem um negócio e não possuem empregados).

No grupo dos produtores rurais, o baixo número médio de horas trabalhadas se deve, em parte, a que algumas atividades agropecuárias tendem a ser realizadas de forma intermitente, ao contrário das atividades comerciais e industriais, que exigem horários mais contínuos de trabalho. Em parte, pode ter sido influenciado também pela modernização das atividades agropecuárias.

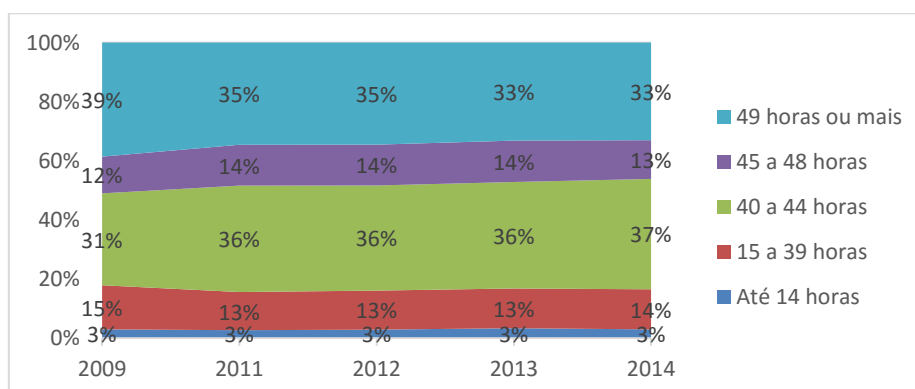
Na análise da carga de trabalho semanal, por faixas de horas, salta aos olhos a redução expressiva da faixa “49 horas ou mais”, por semana, nos três segmentos analisados. Em 2014,

33% dos empresários trabalhavam 49 horas ou mais, 13% trabalhavam de 45 a 48 horas, 37% de 40 a 44 horas, 14% de 15 a 39 horas e 3% até 14 horas (gráfico 32). Entre 2009 e 2014, a faixa que teve maior queda relativa foi a de 49 horas ou mais (passou de 39% para 33% dos empresários).

Em 2014, 16% dos potenciais empresários trabalhavam 49 horas ou mais, 11% trabalhavam de 45 a 48 horas, 34% de 40 a 44 horas, 29% de 15 a 39 horas e 9% até 14 horas (gráfico 33). Entre 2009 e 2014, a faixa que teve maior queda relativa foi a de 49 horas ou mais (passou de 22% para 16% dos empresários).

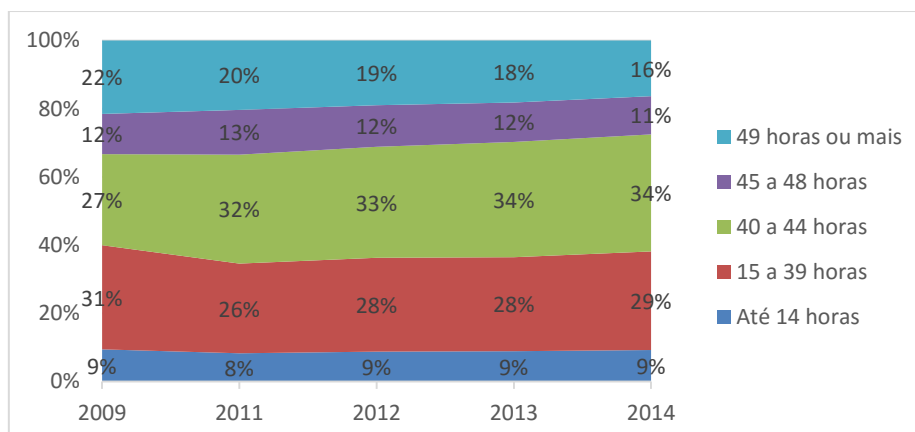
Em 2014, 20% dos produtores rurais trabalhavam 49 horas ou mais, 10% trabalhavam de 45 a 48 horas, 29% de 40 a 44 horas, 34% de 15 a 39 horas e 7% até 14 horas (gráfico 34). Entre 2009 e 2014, houve queda expressiva das participações relativas das faixas “de 45 a 48 horas” e “49 horas ou mais” (que passaram de 22% para 16% dos empresários).

Gráfico 32 – Empresários: evolução da distribuição da carga de trabalho semanal, de 2009 a 2014



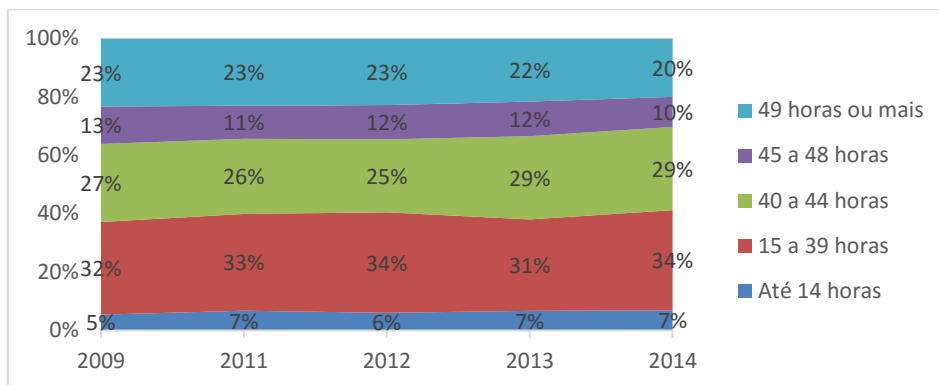
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 33 – Potenciais empresários: evolução da distribuição da carga de trabalho semanal, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 34 – Produtores rurais: evolução da distribuição da carga de trabalho semanal, de 2009 a 2014



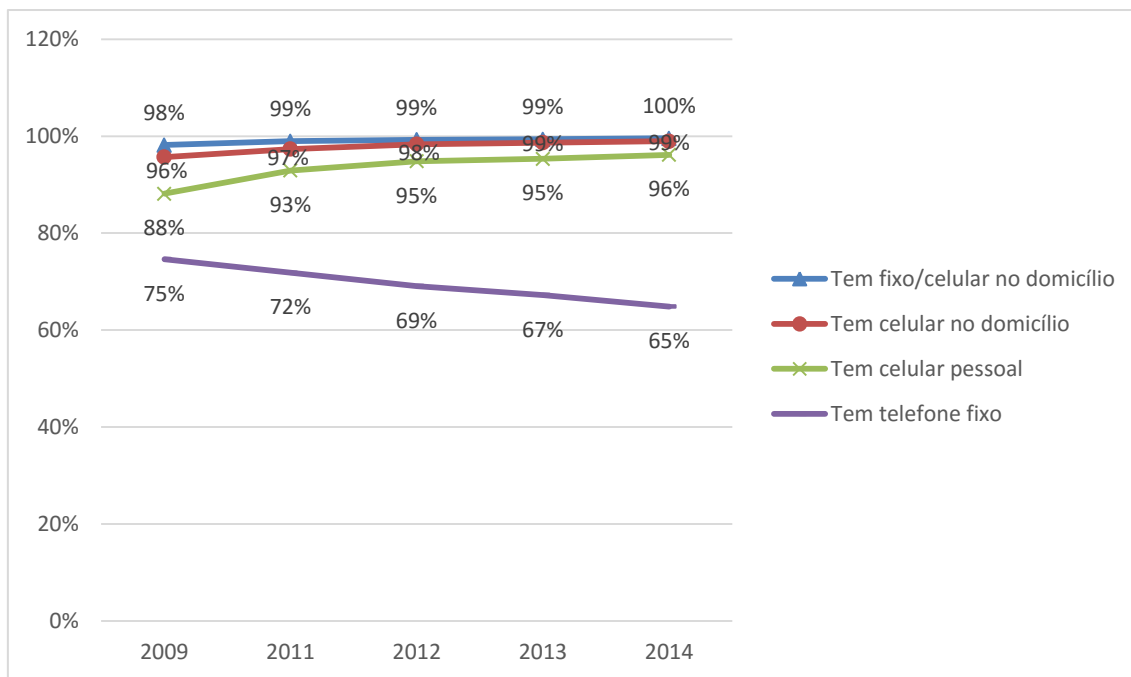
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.11 Recursos de telefonia

Em geral, os empresários formam o segmento com mais acesso aos recursos de telefonia, os potenciais empresários encontram-se em posição intermediária e os produtores rurais são os que têm menos acesso a esse tipo de recurso. Isso vale para os quatro indicadores selecionados nessa área, a partir do questionário da Pnad.

Em 2014, 100% dos empresários possuíam telefone fixo e/ou celular no domicílio, 99% tinham celular no domicílio, 96% tinham celular para uso pessoal e 65% tinham telefone fixo no domicílio (gráfico 35). Entre 2009 e 2014, a evolução desses indicadores não foi muito expressiva porque o patamar de utilização desses recursos já era bastante elevado no início desse período.

Gráfico 35 – Empresários: evolução dos recursos de telefonia, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

No caso dos potenciais empresários, em 2014, 96% possuíam telefone fixo e/ou celular no domicílio, 95% tinham celular no domicílio, 86% tinham celular para uso pessoal e 36% tinham telefone fixo no domicílio (gráfico 36).

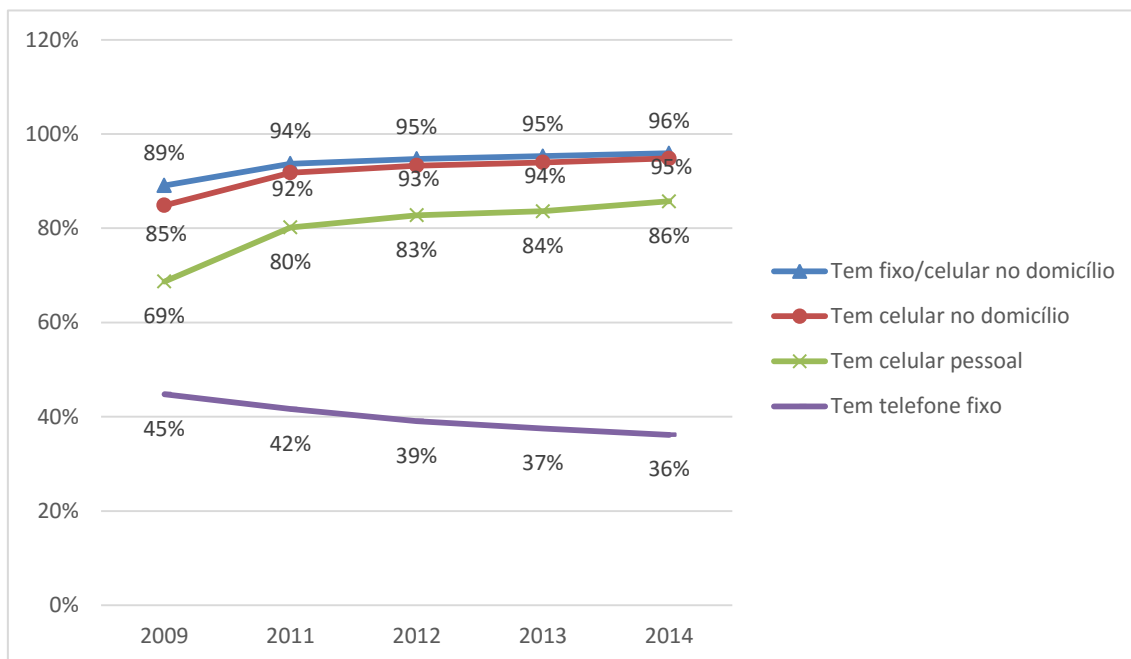
Já os produtores rurais, em 2014, 81% possuíam telefone fixo e/ou celular no domicílio, 80% tinham celular no domicílio, 58% tinham celular para uso pessoal e 11% tinham telefone fixo no domicílio (gráfico 36). Além do menor uso relativo dos recursos de telefonia, os produtores rurais apresentam também a maior diferença entre posse de celular no domicílio (80%) e uso de celular pessoal (58%).

Esses dados evidenciam que o principal instrumento de comunicação dos donos de negócios existentes no país é o telefone celular. A proporção dos que têm celular é bem superior à proporção dos que têm telefone fixo no domicílio, em todos os segmentos. O celular é especialmente importante para o potencial empresário, visto que, nesse grupo, a diferença entre os que têm celular e fixo é muito alta (apenas 36% têm telefone fixo no domicílio, mas 86% têm celular para uso pessoal). No grupo dos produtores rurais, o celular para uso pessoal também é muito maior que o uso de telefone fixo, porém, esse é o segmento que apresenta a menor proporção de empreendedores que têm celular para uso pessoal.

Vale observar que, concomitantemente ao forte avanço dos que usam telefones celulares, verifica-se uma queda da proporção dos que possuem telefone fixo em todos os grupos. Em

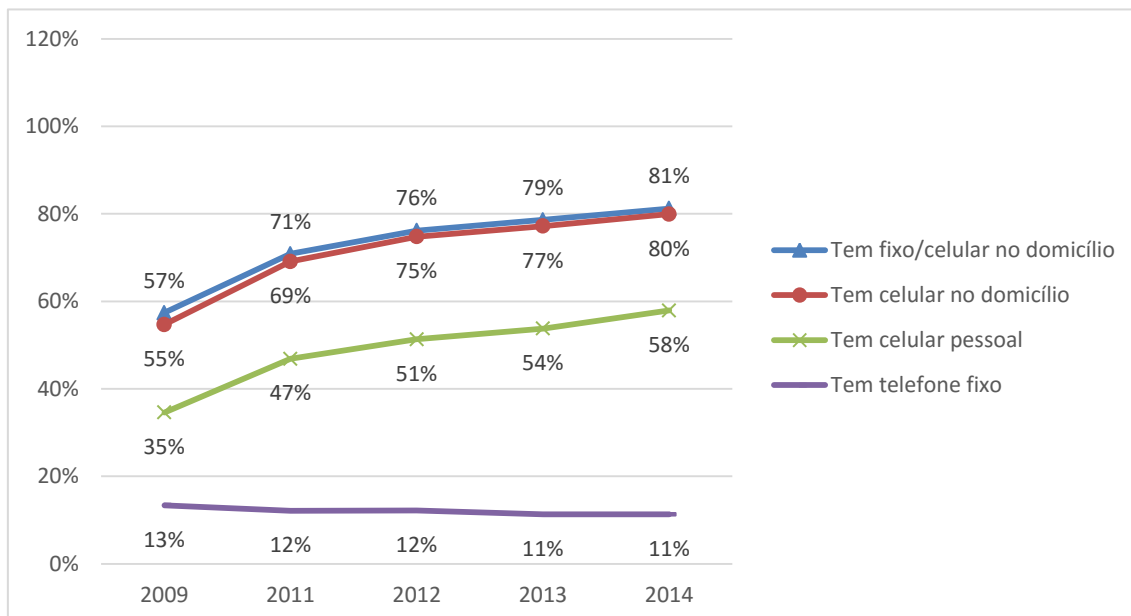
2009, 75% dos empresários, 45% dos potenciais empresários e 13% dos produtores rurais possuíam telefone fixo. Cinco anos depois, essas proporções passaram para, respectivamente, 65%, 36% e 11%. Assim, entre 2009 e 2014, a proporção de empresários com telefone fixo caiu 10 p.p., a dos potenciais empresários caiu 9 p.p. e a de produtores rurais com telefone fixo caiu 2 p.p.

Gráfico 36 – Potenciais empresários: evolução dos recursos de telefonia, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 37 – Produtores rurais: evolução dos recursos de telefonia, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui

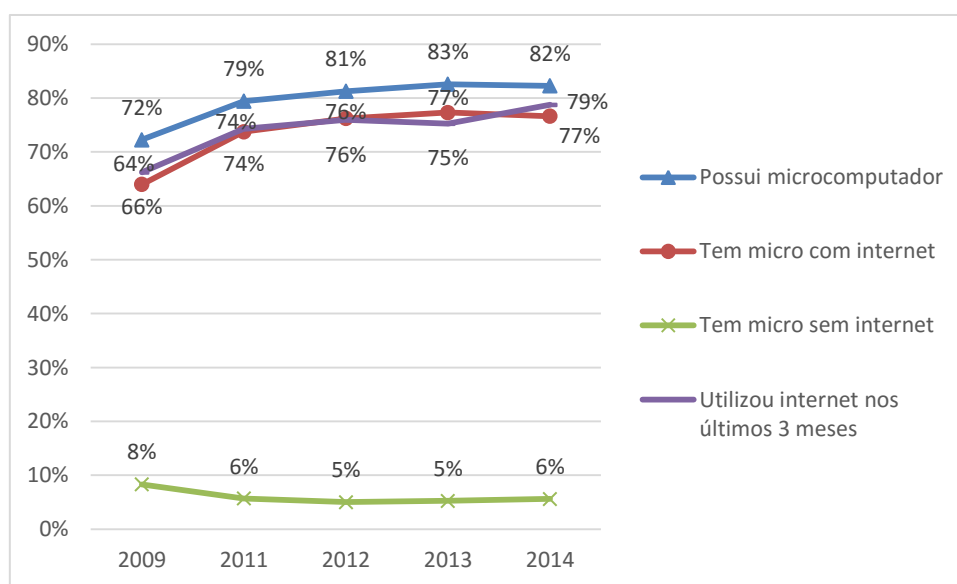


Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.12 Recursos de informática

De forma análoga aos recursos de telefonia, em geral, os empresários têm mais acesso aos recursos de informática, os potenciais empresários encontram-se em posição intermediária e os produtores rurais são os que têm menos acesso a esse tipo de recurso.

Gráfico 38 – Empresários: evolução dos recursos de informática, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui



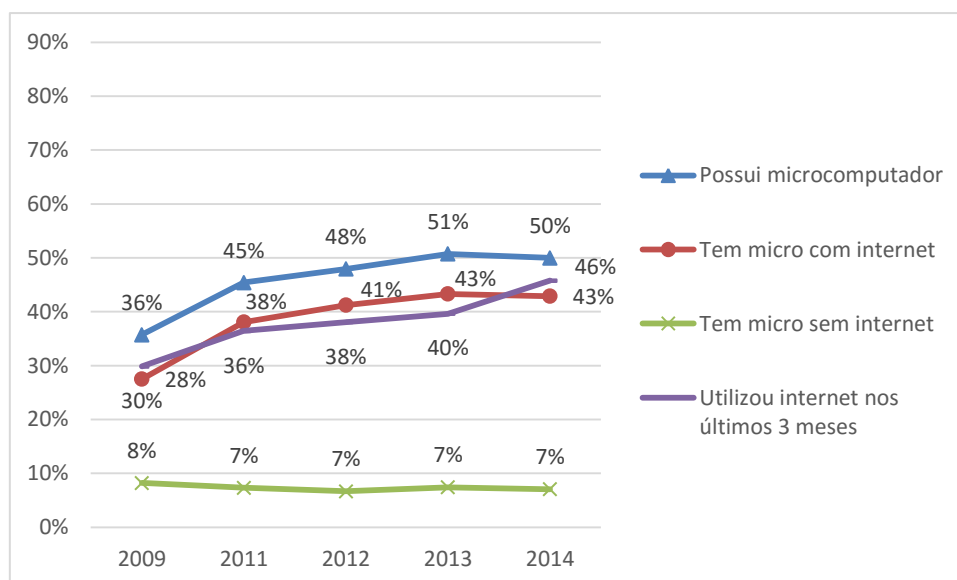
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

No grupo dos empresários (gráfico 38), em 2014, 82% possuíam microcomputador no domicílio, 77% tinham microcomputador com internet no domicílio e 79% acessaram a internet nos últimos três meses. Apenas 6% tinham microcomputador sem internet em casa. Entre 2009 e 2014, esse foi o segmento em que a expansão desses recursos foi mais modesta, porém, isso ocorre por já serem amplamente utilizados no início da série.

Entre os potenciais empresários, em 2014, 50% possuíam microcomputador no domicílio, 43% tinham microcomputador com internet no domicílio, 46% acessaram a internet nos últimos três meses e apenas 7% possuíam microcomputador sem internet (gráfico 39).

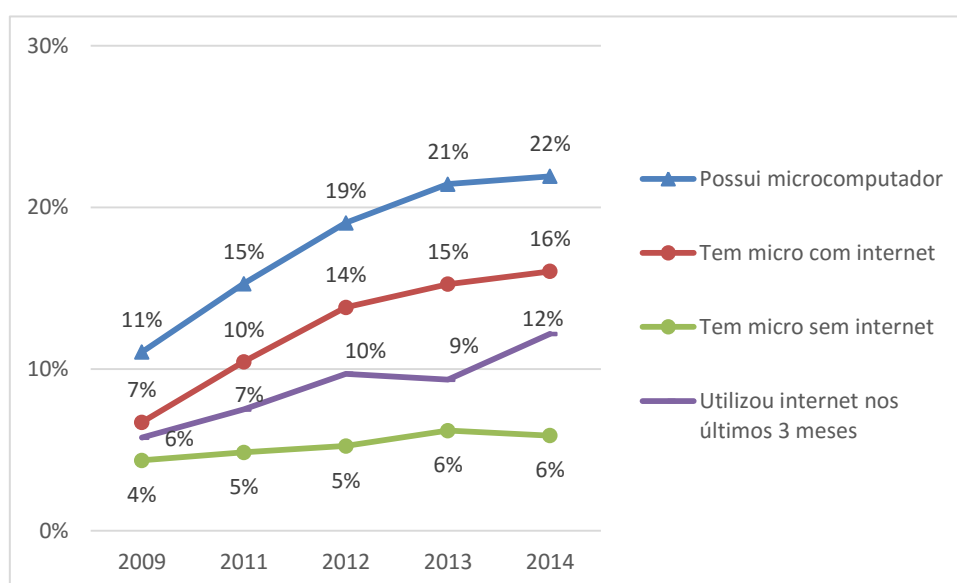
No grupo dos produtores rurais (os menos informatizados), em 2014, só 22% possuíam microcomputador no domicílio, 16% tinham microcomputador com internet no domicílio, 12% utilizaram internet nos últimos três meses e apenas 6% tinham microcomputador sem internet no domicílio (gráfico 40).

Gráfico 39 – Potenciais empresários: evolução dos recursos de informática, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 40 – Produtores rurais: evolução dos recursos de informática, no domicílio, de 2009 a 2014, apenas quem possui



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

O grau de informatização parece estar bastante associado à renda e à escolaridade dos donos de negócio. No extremo positivo, os empresários, segmento mais escolarizado, com maior renda e com estruturas de produção mais complexas (é o segmento que concentra a maior parte dos empregadores), é o mais informatizado. Nesse grupo estão, por exemplo, serviços de informática, advocacia, contabilidade, consultoria jurídica, clínicas médicas/dentárias, comércio de automóveis e de autopeças. Em geral, são atividades exercidas por profissionais com maior grau de escolaridade. No outro extremo, o grupo dos produtores rurais, que é o que é o menos escolarizado, com menor renda, e estruturas mais rudimentares de negócio, próximo à subsistência (ex.: Agricultura Familiar), é o menos informatizado.

2.13 Previdência Social

A cobertura de Previdência Social é assimétrica, quando comparamos os empresários com os demais donos de negócios aqui analisados.

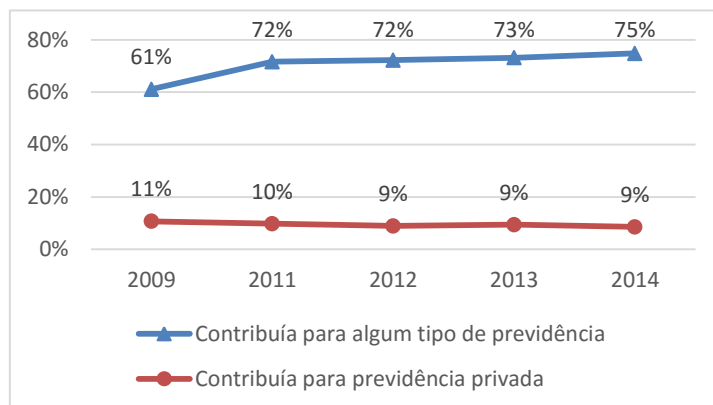
No grupo dos empresários, em 2014, 75% contribuíam para algum tipo de previdência e 9% contribuíam para alguma entidade de previdência privada. É o segmento destacadamente com maior cobertura previdenciária. Também é o segmento cuja cobertura menos variou no período em análise, por partir de uma base mais elevada do que os demais (gráfico 41).

Entre os potenciais empresários, em 2014, apenas 19% contribuíam para algum tipo de previdência e 2% contribuíam para alguma entidade de previdência privada (gráfico 42). Entre 2009 e 2014, o aumento da proporção de indivíduos com cobertura previdenciária foi relativamente modesto.

No grupo dos produtores rurais, em 2014, 22% contribuíam para a previdência no trabalho principal e 1% contribuíam para alguma entidade de previdência privada (gráfico 43). Curiosamente, a cobertura desse segmento, que era a mais baixa no início da série, apresentou uma evolução superior ao dos potenciais empresários. De acordo com Brumer (2002), a inclusão dos trabalhadores rurais na Previdência Social, com destaque para os trabalhadores familiares, foi tardia em relação a outras categorias de trabalhadores. Ainda segundo a autora, o aumento dessa participação está associado a uma criação de uma série de leis específicas para o segmento, que permitiram avançar no sentido da ampliação da cobertura social dos trabalhadores rurais, sejam eles assalariados, sejam eles autônomos, aproximando-os, em termos de direitos sociais, dos trabalhadores urbanos (op. cit.).

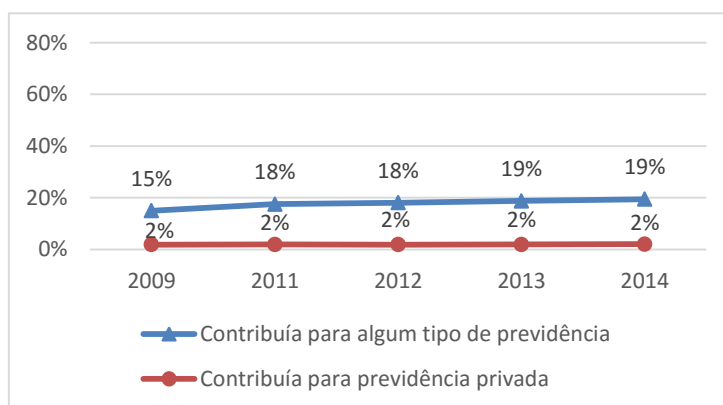
Trabalhos anteriores do Sebrae mostram que o acesso à Previdência, por parte dos donos de negócios, tende a ser maior nas atividades urbanas, nos negócios formais, nos empreendimentos mais complexos (com empregados), nos empreendedores de maior renda e mais escolarizados (SEBRAE, 2015b).

Gráfico 41 –Empresários: evolução da cobertura previdenciária, de 2009 a 2014



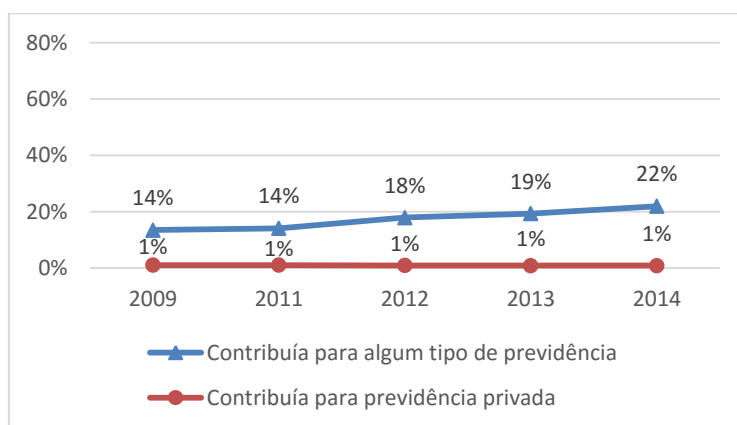
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 42 –Potenciais empresários: evolução da cobertura previdenciária, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

Gráfico 43 – Produtores rurais: evolução da cobertura previdenciária (2009 a 2014)

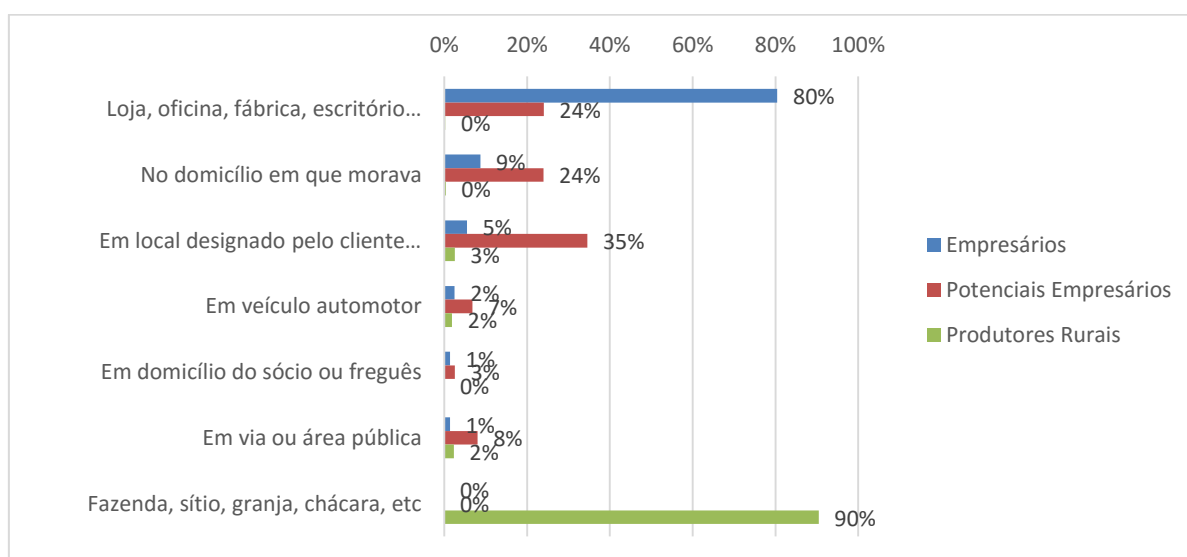


Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

2.14 Local de trabalho

A distribuição dos donos de negócios por tipo de local de trabalho é bem diferente entre os grupos analisados. Os empresários têm forte concentração em locais fixos urbanos (por exemplo, lojas, oficinas, fábricas e escritórios), os potenciais empresários apresentam uma distribuição mais desconcentrada entre diferentes tipos de locais (por exemplo, lojas, escritórios, domicílios, locais designados por clientes etc.) e o produtor rural têm forte concentração nas propriedades rurais (por exemplo, fazendas, sítios, granjas e chácaras).

Gráfico 44 – Distribuição por local de trabalho, em 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

O gráfico 44 apresenta o local de trabalho dos donos de negócios no país. Por ele, verifica-se que 80% dos empresários trabalham em estabelecimentos fixos (lojas, oficinas, fábricas e escritórios); 9% no próprio domicílio; 5% em local designado pelos clientes; 2% em veículo automotor; 1% no domicílio do sócio ou freguês; e 1% em via ou área pública.

No grupo dos potenciais empresários, 35% têm local designado pelo cliente; 24% trabalham em lojas, oficinas, fábricas ou escritórios; 24% no próprio domicílio; 8% em via ou área pública; 7% em veículo automotor; e 3% no domicílio do sócio ou freguês.

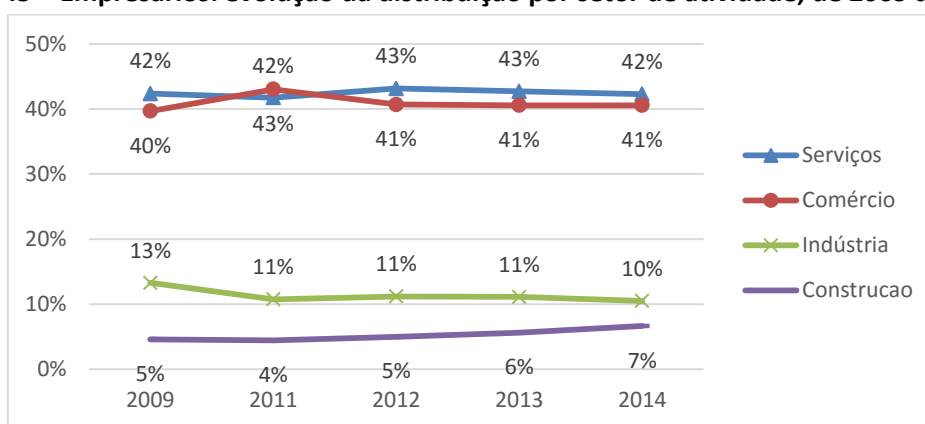
Entre os produtores rurais, 90% trabalham em propriedades rurais; 3% em local designado pelo cliente; 2% em veículo automotor; 2% em via ou área pública; e 2% em outros locais.

Entre 2009 e 2014, essa distribuição quase não sofreu alteração. A única mudança digna de nota foi o “local designado pelo cliente”, que, no caso dos potenciais empresários, entre 2009 e 2014, passou de 26% para 35% do total dos indivíduos desse grupo.

2.15 Setor de atividade

Tanto no grupo dos empresários quanto no dos potenciais empresários, o setor que responde pela maior fatia dos indivíduos é o de serviços.

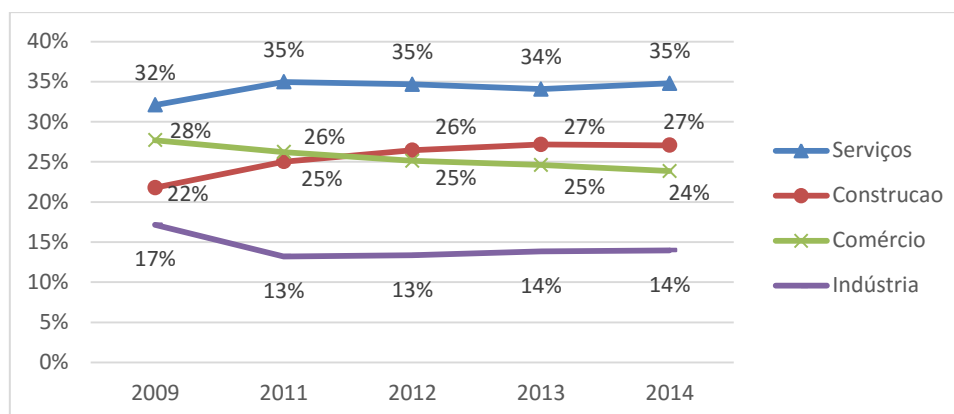
Gráfico 45 – Empresários: evolução da distribuição por setor de atividade, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

No caso dos empresários, em 2014, 42% trabalhavam no setor de serviços, 41% no comércio, 10% na indústria e 7% na construção. Entre 2009 e 2014, a participação relativa do setor de serviços ficou relativamente estável, próxima dos 42%. A participação relativa do comércio ficou relativamente estável, em torno de 41%, mas houve uma queda da participação relativa da indústria, que perdeu 3 p.p., e um aumento da participação relativa da construção, que ganhou 2 p.p.

Gráfico 46 – Potenciais empresários: evolução da distribuição por setor de atividade, de 2009 a 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2009, 2011, 2012, 2013 e 2014).

No grupo dos potenciais empresários, em 2014, 35% trabalhavam no setor de serviços, 27% na construção, 24% no comércio e 14% na indústria. Entre 2009 e 2014, a participação relativa do setor de serviços cresceu 3 p.p. e a da construção cresceu 5 p.p., enquanto o comércio perdeu 4 p.p. e a indústria perdeu 3 p.p. A elevada e crescente participação da construção, nesse grupo, deve estar associada ao fato de ser considerado “porta de entrada” no mercado de trabalho para os indivíduos com menor grau de qualificação e/ou menor experiência.

No caso dos produtores rurais, 100% estão no setor agropecuário. A análise mais detalhada, por segmentos de atividade, será apresentada na próxima seção.

2.16 Principais segmentos de atividades

As tabelas 3, 4 e 5 apresentam o perfil dos empresários, dos potenciais empresários e dos produtores rurais, respectivamente, por segmento de atividade. Em geral, a maioria dos empreendimentos está voltada ao atendimento das necessidades mais elementares da população, tais como alimentação, vestuário, moradia, locomoção, saúde e beleza. Na indústria (tabelas 3 e 4), verifica-se que empresários e potenciais empresários apresentam forte concentração em segmentos de atividade semelhantes. Construção, confecções, vestuário, alimentos e bebidas, produtos de madeira (ex.: móveis) e produtos de metal estão entre os segmentos mais numerosos em ambos os grupos.

A diferença principal entre empresários e potenciais empresários parece estar nas escalas de suas atividades (e de capital).

Os potenciais empresários tendem a atuar com escalas bem inferiores. Corrobora para essa análise o fato de que a maioria dos potenciais empresários (96%) atua sozinha como conta-própria (tabela 1), segmento cujo rendimento médio é muito baixo. Por outro lado, no grupo dos empresários, quase metade (44%) atua como empregador, segmento cujo rendimento médio é bem superior ao dos conta-própria. Também corrobora para isso a comparação dos segmentos que aparecem com destaque no grupo dos empresários, e que não estão na lista dos mais numerosos entre os potenciais empresários, como, por exemplo, edição e gráfica, e também fabricação de máquinas e equipamentos (que exigem volume de capital mais elevado). Por sua vez, os produtos têxteis mais simples, produzidos quase artesanalmente, tais como malharia e bordados, aparecem entre os mais importantes nos potenciais empresários. Ainda na indústria, entre os potenciais empresários, é digno de observação que 66% estão em um único segmento, o da construção. Trata-se de segmento que, nos potenciais empresários, é composto, predominantemente, de indivíduos que trabalham em atividades muito simples, tais como pintura, reforma, reparação, instalação elétrica, acabamento etc. Trata-se também da “porta de entrada” no mercado de trabalho para os que têm menos qualificação e experiência.

Algo semelhante ocorre no comércio. Algumas atividades aparecem com grande importância nos dois grupos (empresários e potenciais empresários), tais como alimentos e bebidas, reparação de veículos, artigos do vestuário, farmácias e perfumarias. Porém, no grupo dos empresários, destacam-se também os comércios de materiais de construção e cine, foto e som, isto é, atividades que, normalmente, costumam exigir maior volume de capital. Quanto ao grupo dos potenciais empresários, são destaques os vendedores ambulantes, categoria que, sozinha, responde por quase um terço dos potenciais empresários do comércio. Como diferencial entre os potenciais empresários, também se destaca o segmento de resíduos e sucatas (reciclagem).

Nos serviços, verifica-se grande concentração de negócios, tanto nos empresários quanto nos potenciais empresários, em cabeleireiros, bares e lanchonetes e transportes (de passageiros e cargas), serviços às empresas e serviços de saúde. Nos potenciais empresários, são destaques, ainda, ambulantes da alimentação e aulas particulares. Com relação aos empresários, destacam-se os serviços de engenharia/arquitetura e informática, ou seja, atividades que, em geral, exigem maiores níveis de escolaridade.

No setor agropecuário, mais da metade trabalha com gado bovino, cultivo da mandioca, do milho, hortifrutigranjeiros e produção mista (lavoura/pecuária). Essas atividades, em grande

parte, tendem a ser realizadas com baixas escalas de produção, em estruturas extensivas, relativamente simples, como, por exemplo, Agricultura Familiar.

Tabela 3 – Potenciais empresários: principais segmentos de atividade em 2014

Indústria	Pessoas	(%)
Construção	3.720.557	66%
Confecção de vestuário	407.813	7%
Malharia/bordados	319.490	6%
Alimentos e bebidas	236.491	4%
Roupa sob medida	218.355	4%
Produtos de madeira	152.353	3%
Diversos (bijuterias, joias, bolas, brinquedos etc.)	104.920	2%
Produtos de metal	98.452	2%
Móveis	61.119	1%
Derivados do leite	37.280	1%
Outros	284.760	5%
Total	5.641.590	100%

Comércio	Pessoas	(%)
Ambulantes	888.612	27%
Alimentos e bebidas	613.422	19%
Reparação de veículos	357.172	11%
Vestuário	287.106	9%
Farmácia e perfumaria	183.244	6%
Venda por catálogo, TV e net	138.527	4%
Resíduos e sucatas (reciclagem)	138.040	4%
Atacado (diversos)	112.810	3%
Reparação de eletrônicos	103.300	3%
Armarinho	79.049	2%
Outros	377.764	12%
Total	3.279.046	100%

Serviços	Pessoas	(%)
Cabeleireiros	1.069.394	22%
Bares e lanchonetes	719.118	15%
Transporte de passageiros	600.540	12%
Transporte de carga (frete)	445.994	9%
Serviços às empresas	262.741	5%
Ambulante de alimentação	204.605	4%
Serviços de saúde	182.739	4%
Entretenimento (música, dança etc.)	181.631	4%
Ensino (curso, aula particular)	140.074	3%
Imobiliária	118.754	2%

Outros	897.638	19%
Total	4.823.228	100%

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Tabela 4 – Empresários: principais segmentos de atividade em 2014

Indústria	Pessoas	(%)
Construção	442.960	39%
Confecção de vestuário	83.171	7%
Produtos de metal	67.323	6%
Móveis	57.814	5%
Máquinas e equipamentos	49.820	4%
Alimentos e bebidas	49.216	4%
Edição e gráfica	46.966	4%
Produtos de madeira	43.527	4%
Diversos (bijuterias, joias, bolas, brinquedos etc.)	34.166	3%
Roupa sob medida	33.100	3%
Outros	236.709	21%
Total	1.144.772	100%

Comércio	Pessoas	(%)
Alimentos e bebidas	530.230	20%
Vestuário	392.699	15%
Reparação de veículos	344.900	13%
Material de construção	207.688	8%
Atacado (diversos)	171.976	6%
Diversos (bijuterias, brinquedos etc.)	130.402	5%
Farmácia e perfumaria	115.041	4%
Cine, foto, som	113.491	4%
Ambulantes	97.182	4%
Autopeças	75.853	3%
Outros	528.741	20%
Total	2.708.203	100%

Serviços	Pessoas	(%)
Bares e lanchonetes	545.967	19%
Cabeleireiro	343.374	12%
Serviços às empresas	297.962	11%
Serviços de saúde	233.649	8%
Transporte de carga (frete)	145.012	5%
Transporte de passageiros	123.447	4%
Serviços de engenharia/arquitetura	123.120	4%
Entretenimento (música, dança etc.)	97.730	3%
Informática	85.559	3%
Serviço de xerox, foto, carimbos etc.	83.375	3%
Outros	746.811	26%
Total	2.826.006	100%

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Tabela 5 – Produtores rurais: principais segmentos de atividade em 2014

Agropecuária e pesca	Pessoas	(%)
Gado bovino	822.616	18%
Mandioca	580.042	13%
Milho	481.727	11%
Hortifrutigranjeiros	280.190	6%
Pesca	278.775	6%
Produção mista (lavoura/pecuária)	278.386	6%
Serviços agropecuários	244.333	5%
Capim, tubérculos e grãos	243.547	5%
Café	202.627	5%
Criação de aves	164.964	4%
Outros	900.266	20%
Total	4.477.473	100%

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Obs.: A Pnad considera apenas a principal atividade agropecuária do empreendimento no qual está ocupado o produtor rural, mesmo que ali sejam realizadas várias atividades agropecuárias.

2.17 Distribuição por regiões e UF

O Sudeste, região mais populosa do país, concentra a maior parte dos empresários e potenciais empresários. Por sua vez, o Nordeste, por apresentar a estrutura fundiária mais extensa e fragmentada (grande número de municípios rurais), é a região com maior número de produtores rurais. Do total de empresários existentes no Brasil, 51% estão no Sudeste; 21% no Sul; 15% no Nordeste; 9% no Centro-Oeste; e 5% no Norte (gráfico 47).

As proporções mais elevadas de empresários no Sudeste e Sul – regiões que concentram 72% dos empresários – estão associadas ao fato de elas deterem a maioria dos empreendimentos com CNPJ do país. Juntas, as regiões Sudeste e Sul detêm 75% das empresas (SEBRAE, 2015c).

Os estados de São Paulo e Minas Gerais, juntos, concentram 41% dos empresários do país (gráfico 48). A forte concentração de empresários em São Paulo e Minas Gerais está diretamente relacionada à maior concentração de negócios com CNPJ existentes nestes dois estados. Juntos, São Paulo e Minas Gerais detêm 42% das empresas formais do país (SEBRAE, 2015c).

Do total de potenciais empresários, 41% estão no Sudeste; 29% no Nordeste; 11% no Sul; 10% no Norte; e 8% no Centro-Oeste (gráfico 47).

Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, juntos, concentram 40% dos potenciais empresários com negócios do país (gráfico 49). A forte concentração de potenciais empresários em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro está diretamente relacionada à densidade demográfica. Esses estados detêm as três principais cidades (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte) e as principais regiões metropolitanas (RMSP, RMBH e RMRJ), em termos de densidade demográfica, o que denota ser a informalidade um fenômeno forte nas metrópoles. As dez UF com maior número de potenciais empresários (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Pará, Pernambuco, Paraná, Ceará, Rio Grande do Sul e Goiás) detêm as 13 maiores regiões metropolitanas do país.¹⁸

Vale destacar a elevada participação de potenciais empresários na região Nordeste, em parte devido às principais regiões metropolitanas ali existentes (Recife, Fortaleza e Salvador).

Com respeito aos produtores rurais, 44% estão na região Nordeste; 19% no Sul; 18% no Sudeste; 14% no Norte; e 5% no Centro-Oeste (gráfico 47).

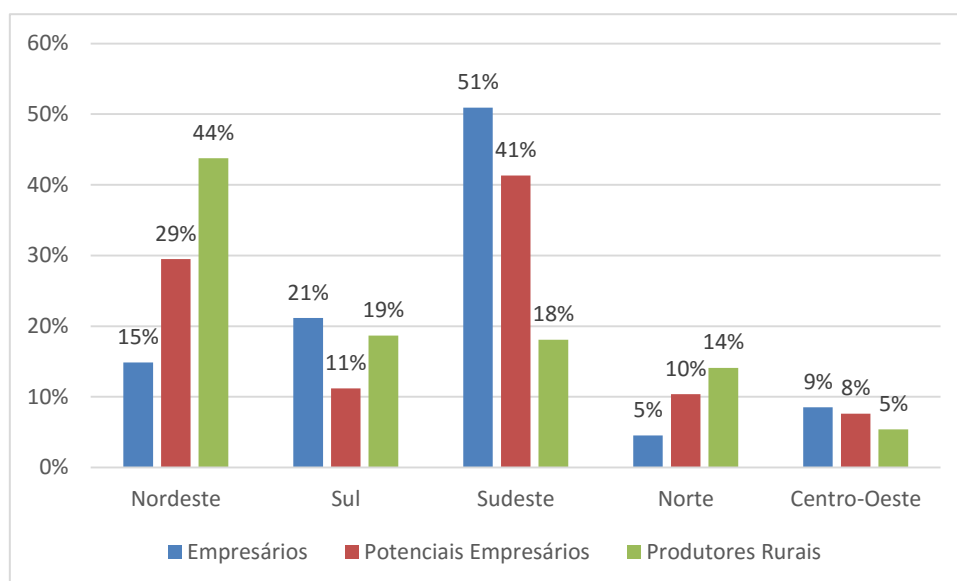
A maior concentração de produtores rurais no Nordeste parece estar associada à estrutura fundiária, mais extensa e fragmentada. Em parte, isto pode ser caracterizado pelo elevado número de municípios rurais da região, em especial no interior. O Nordeste é a região com o maior número de municípios, detendo 32% dos quase 5.600 municípios existentes no Brasil.

As dez UF com maior número de produtores rurais detêm 73% desses produtores. Das dez UF com maior número de produtores rurais, fazem parte cinco estados do Nordeste (Bahia, Maranhão, Ceará, Pernambuco e Piauí), três estados do Sul (Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina), um do Norte (Pará) e um do Sudeste (Minas Gerais) – com exceção do Pará, todos possuem elevado número de municípios no interior.

Em suma, Sudeste e Sul destacam-se em termos de número de empresários; Sudeste e Nordeste sobressaem-se em número de potenciais empresários; e Nordeste, Sul e Sudeste destacam-se em quantidade de produtores rurais.

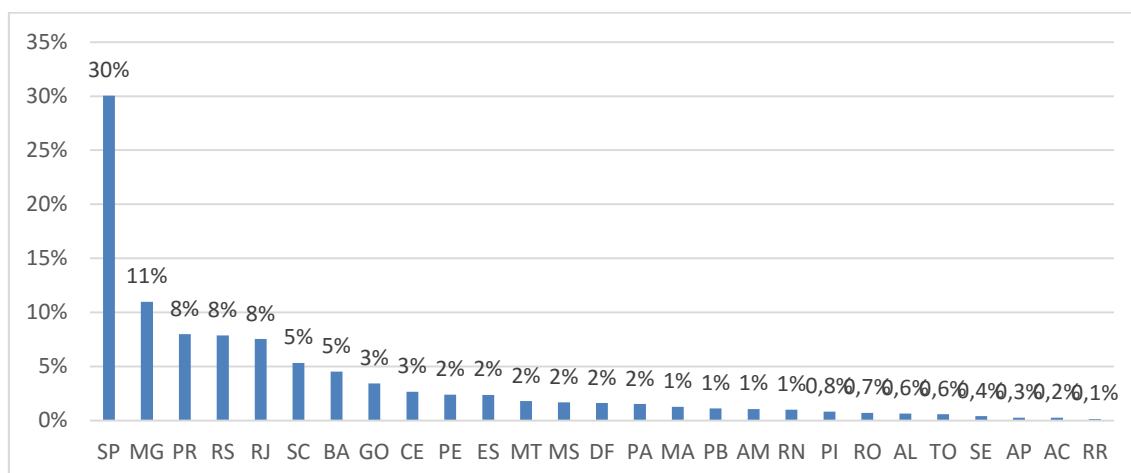
¹⁸ Pela ordem de população: RMSP, RMRJ, RMBH, RMPOA, RM de Recife, RM de Fortaleza, RM de Salvador, RM de Curitiba, RM de Campinas, RM do Vale do Paraíba, RM de Goiânia, RM de Manaus e RM de Belém (IBGE, 2010).

Gráfico 47 – Distribuição por regiões do país, em 2014



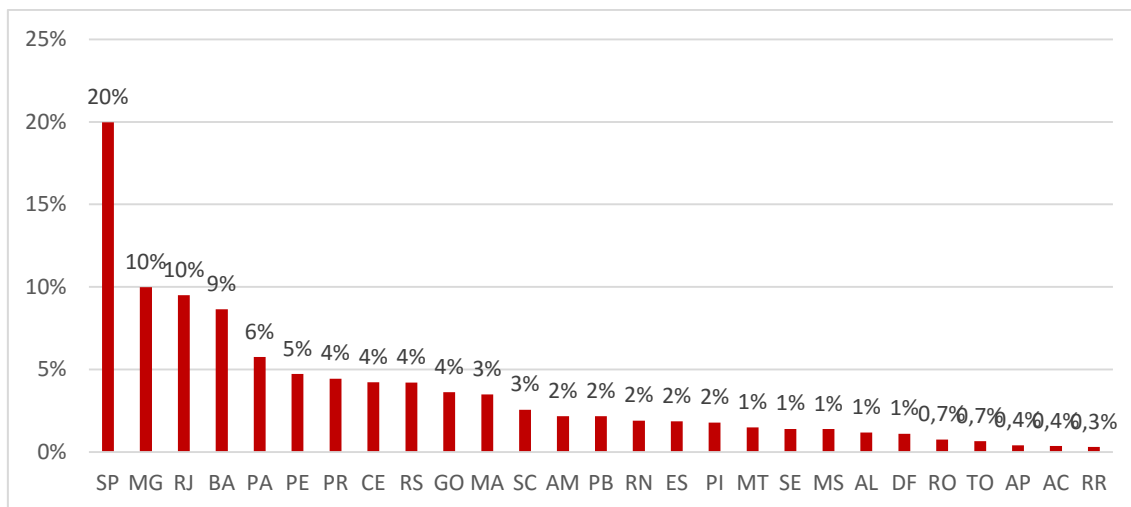
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Gráfico 48 – Empresários: distribuição por UF, em 2014



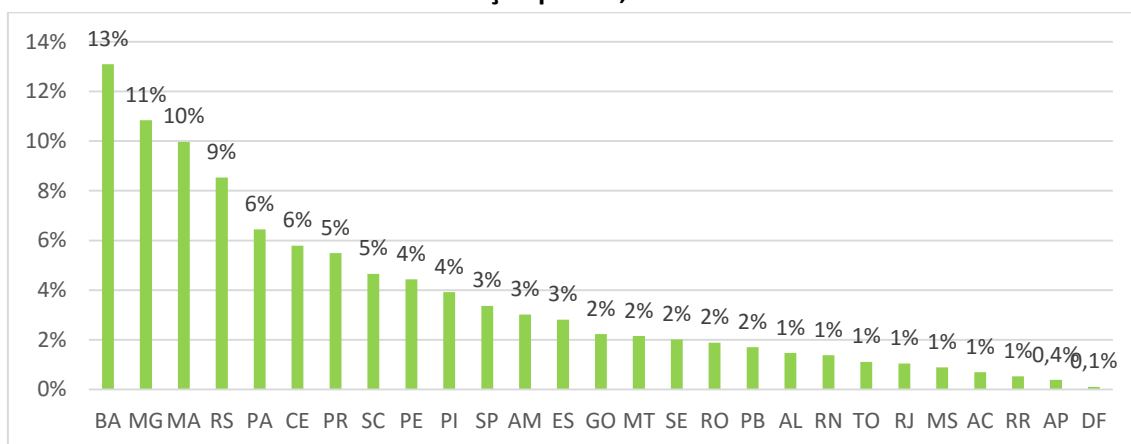
Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Gráfico 49 – Potenciais empresários: distribuição por UF, em 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Gráfico 50 – Produtores rurais: distribuição por UF, em 2014



Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

Tabela 6 – Distribuição por UF, em 2014 (em número de pessoas)

UF	Empresários	Potenciais empresários	Produtores rurais	Total	Total (%)
SP	2.006.598	2.743.875	150.961	4.901.434	20%
MG	733.569	1.373.156	485.308	2.592.033	10%
BA	302.452	1.187.836	586.407	2.076.695	8%
RJ	503.007	1.306.590	47.130	1.856.727	7%
RS	524.659	578.564	382.197	1.485.420	6%
PR	532.713	610.622	245.687	1.389.022	6%
PA	101.701	790.428	288.639	1.180.768	5%
CE	177.584	579.293	259.179	1.016.056	4%
MA	85.095	478.369	446.179	1.009.643	4%
PE	160.435	649.277	198.360	1.008.072	4%
SC	355.392	350.507	208.646	914.545	4%
GO	228.579	498.602	99.798	826.979	3%
ES	158.098	254.481	125.768	538.347	2%
AM	71.482	298.438	135.433	505.353	2%
PI	54.376	243.829	175.452	473.657	2%
PB	75.358	297.711	76.604	449.673	2%
MT	120.377	203.919	96.398	420.694	2%
RN	67.481	261.790	62.070	391.341	2%
MS	112.520	190.897	40.027	343.444	1%
SE	26.739	192.291	90.001	309.031	1%
AL	43.072	162.150	65.811	271.033	1%
DF	107.643	152.173	4.880	264.696	1%
RO	47.597	103.029	84.149	234.775	0,9%
TO	39.538	90.053	49.750	179.341	0,7%
AC	16.630	49.050	31.583	97.263	0,4%
AP	16.779	55.493	17.293	89.565	0,4%
RR	9.507	41.441	23.763	74.711	0,3%
Total	6.678.981	13.743.864	4.477.473	24.900.318	100%

Fonte: Sebrae, a partir de processamento dos dados do IBGE (Pnad 2014).

3 Considerações finais

O objetivo deste relatório foi identificar o perfil comparativo dos empresários, dos potenciais empresários (com negócio próprio) e dos produtores rurais existentes no país, entre 2009 e 2014. O trabalho foi realizado a partir do processamento dos microdados das Pnad/IBGE do período.

Verifica-se, por aquela base de dados, que, no Brasil, em 2014, havia cerca de 25 milhões de indivíduos que trabalhavam explorando o próprio empreendimento, dos quais 55% eram potenciais empresários (13,7 milhões de pessoas), 27% empresários (6,7 milhões de pessoas) e 18% produtores rurais (4,5 milhões de pessoas).

Esses donos de negócios são, predominantemente, chefes do seu domicílio e do sexo masculino. A maioria não chegou ao nível superior de ensino e concentra-se na faixa etária entre 35 e 54 anos. Além disso, recebem até 5 SM, começaram a trabalhar até os 17 anos, trabalham mais de 40 horas por semana, estão no trabalho atual há mais de cinco anos e atuam em atividades voltadas ao atendimento das necessidades mais elementares da população, como, por exemplo, nas áreas de alimentação, moradia, vestuário, saúde etc.

Os empresários constituem o segmento que teve maior expansão no período 2009/2014 (expansão de 29%). Trata-se do grupo com a maior concentração de empregadores (78% dos empregadores estão nesse segmento). Eles se diferenciam pelo maior grau de escolaridade (35% têm Ensino Superior incompleto ou mais), maior rendimento médio mensal (R\$ 4.101) e maior proporção dos que estão na faixa etária entre 35 a 54 anos (54%). Também apresentam maior carga de trabalho semanal (49 horas ou mais), a maioria em local de trabalho fixo (por exemplo, loja, oficina, fábrica, escritório), elevado grau de acesso aos recursos de telefonia e informática, ampla cobertura previdenciária e maior concentração nas regiões Sudeste e Sul.

Os potenciais empresários distinguem-se pelo baixo grau médio de escolaridade, pela maior proporção de jovens com até 34 anos de idade (26%), grande proporção de indivíduos que trabalham sem empregados (96% dos potenciais empresários são conta-própria) e por constituírem o segmento de clientes do Sebrae com a proporção mais alta de mulheres (36%). Da mesma forma, o grupo citado apresenta a menor carga de horário semanal (37 horas), baixo rendimento médio mensal (R\$ 1.320), baixo grau de acesso aos recursos de informática, baixa cobertura previdenciária. São também os que mais trabalham em domicílio ou local designado pelo cliente, apresentando a maior proporção de pessoas que trabalham em

atividades elementares e/ou precárias (por exemplo, na construção e como vendedor ambulante) e com maior concentração nas grandes regiões metropolitanas do país.

Os produtores rurais constituem o único segmento que apresentou uma queda do número de empreendedores, entre 2009 e 2014 (queda de -2% no total de pessoas). Eles se diferenciam por trabalharem, predominantemente, sem empregados (94%), por serem, em sua maioria, do sexo masculino (85%), por apresentarem baixíssimo grau médio de escolaridade (74% têm até o Ensino Fundamental incompleto), serem predominantemente chefes de domicílio (72%) e apresentarem a maior proporção de pessoas mais velhas (35% têm 55 anos ou mais). Caracterizam-se, também, pelo baixíssimo rendimento médio mensal (79% ganham até 2 SM), por começarem a trabalhar cedo (96% começaram a trabalhar até os 17 anos), por trabalharem na mesma atividade há mais de cinco anos (82%) e pelo relativamente baixo acesso aos recursos de telefonia celular. Além disso, eles possuem baixíssimo acesso aos recursos de informática, baixíssima cobertura previdenciária e trabalham, predominantemente, no interior, em propriedades rurais, com baixas escalas de produção, em estruturas extensivas relativamente simples e de natureza familiar (por exemplo, Agricultura Familiar).

A forte diferenciação dos três tipos de donos de negócios supracitados mostra que é indispensável o desenvolvimento de produtos e serviços para cada perfil mencionado, de forma diferenciada.

Os empresários, por deterem maior grau de escolaridade, tendem a demandar produtos mais sofisticados, em termos de conteúdo e acesso. Seu maior grau de informatização pode viabilizar soluções de atendimento informatizadas, em especial disponibilizadas na internet.

Os potenciais empresários, ao contrário, por deterem menor grau de escolaridade, tendem a demandar produtos mais simples, em termos de conteúdo e acesso. Considerando o seu baixo grau de informatização, estratégias de relacionamento com esse público, por meio de instrumentos informatizados, tendem a gerar resultados limitados ou pouco satisfatórios, pelo menos em curto prazo. Portanto, trata-se de segmento que tende a exigir o desenvolvimento de soluções de natureza presencial, o que pode ser facilitado pelo fato de estar concentrado em regiões metropolitanas. Essa estratégia pode ser complementada pelo uso de mídias mais tradicionais e massificadas, como, por exemplo, uso de televisão e rádio de abrangência nacional que atinjam as grandes metrópoles.

Finalmente, no caso dos produtores rurais, por deterem graus de escolaridade e acesso a recursos de informática ainda mais baixos, bem como distribuição espacial amplamente

desconcentrada, exigirão conteúdos mais simples, estrutura de atendimento mais desconcentrada, de caráter pessoal e que pode ser complementada pela utilização de instrumentos locais de comunicação, tais como rádio e televisão local/regional.

Nos três casos, considerações quanto às características do próprio negócio, como setor e segmento de atividade em que atuam, sugere o desenvolvimento de conteúdo específico para cada tipo de atividade, como, por exemplo, temas específicos para atividades de construção, fabricação e comércio de alimentos e vestuário, e produção agrícola familiar. Isso sem que se abra mão do desenvolvimento de conteúdos mais genéricos, comuns a todos os tipos de empreendimentos, relacionados, por exemplo, à gestão de um negócio, às vendas, às compras, à administração de pessoal etc.

Referências

ALVES, E.; SILVA, G.; SOUZA, R. Êxodo e sua contribuição à urbanização de 1950 a 2010. **Revista de Política Agrícola**, ano XX, n. 2, abr./maio/jun. 2011.

BCB – BANCO CENTRAL DO BRASIL. **FAQ – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – Pronaf**. Brasília: BCB, 2015. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/bc_atende/port/PRONAF.asp#1>.

BRUMER, A. Previdência Social rural e gênero. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 7, p. 50-81, jan./jun. 2002.

BURDINI FILHO, J. et al. **As novas perspectivas das relações de gênero no meio rural: o papel feminino em (re)construção**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, [s.d.]. Mimeografado.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização do Brasil: panorama dos últimos 50 anos**. Brasília: Ipea, 1999. (Texto para Discussão, n. 621).

CARVALHO, D. et al. **Perspectivas dos jovens rurais: campo versus cidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

FILHO, J.; GASQUES, J.; SOUSA, A. **Agricultura e crescimento: cenários e projeções**. Brasília: Ipea, 2011.

GOMES, A. F. O perfil empreendedor de mulheres que conduzem seu próprio negócio. **Alcance**, v. 11, n. 2, p. 207-226, maio/ago. 2004.

GUANZIROLII, C. E.; BUAINAINII, A. M.; SABBATO, A. D. Dez anos de evolução da agricultura familiar no Brasil: 1996 e 2006. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 50, n. 2, abr./jun. 2012.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

MATOS, P. F.; PESSÔA, V. L. S. A modernização da agricultura no Brasil e os novos usos do território. **Geo UERJ**, ano 13, v. 2, n. 22, p. 290-322, 2011.

OIT – ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO; IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Juventude e trabalho informal no Brasil**. Brasília: OIT; Ipea, 2015.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. **Empresários, potenciais empresários e produtores rurais no Brasil**. Brasília: Sebrae, 2015a.

_____. **Empresários, potenciais empresários e produtores rurais 2003-2013**. Brasília: Sebrae, 2015b.

_____. **Anuário do Trabalho na MPE 2014**. Brasília: Sebrae, 2015c.

_____. **O público do Sebrae**. Brasília: Sebrae, 2016.

SEBRAE – SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS; DIEESE – DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS. **Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2014**. São Paulo: Sebrae; Dieese, 2014.

WONG, L.; CARVALHO, J. O rápido processo de envelhecimento populacional do Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 5-26, jan./jun. 2006.